



CENTRO DE PÓS-GRADUAÇÃO, PESQUISA E EXTENSÃO
CURSO DE MESTRADO EM ENFERMAGEM

**PERCEPÇÕES DOS ENFERMEIROS LÍDERES QUANTO
AO USO DA INTERNET NA ESTRATÉGIA DE ENSINO À
DISTÂNCIA EM EDUCAÇÃO CONTINUADA**

RAQUEL ACCIARITO MOTTA

Orientador(a): Profa. Dra. Maria do Carmo Querido Avelar

Guarulhos
2007



CENTRO DE PÓS- GRADUAÇÃO, PESQUISA E EXTENSÃO
CURSO DE MESTRADO EM ENFERMAGEM

RAQUEL ACCIARITO MOTTA

**PERCEPÇÕES DOS ENFERMEIROS LÍDERES QUANTO
AO USO DA INTERNET NA ESTRATÉGIA DE ENSINO À
DISTÂNCIA EM EDUCAÇÃO CONTINUADA**

Dissertação apresentada à
Universidade Guarulhos para
obtenção do título de Mestre em
Enfermagem.

Orientador: Profa. Dra. Maria do
Carmo Querido Avelar.

Guarulhos
2007

M875p Motta, Raquel Acciarito
Percepções dos enfermeiros líderes quanto ao uso da Internet na
estratégia de ensino à distância em educação continuada / Raquel
Acciarito Motta. Guarulhos, 2007.
70 f. ; 31 cm

Dissertação (Mestrado em Enfermagem) - Universidade
Guarulhos, Centro de Pós-Graduação, Pesquisa e Extensão, 2007.
Orientadora: Profª. Drª. Maria do Carmo Querido Avelar.
Bibliografia: f. 62-66.

1. Educação continuada. 2. Educação à distância. 3.
Enfermagem. I. Título. II. Universidade Guarulhos.

CDD 21st 610.7



A Comissão Julgadora dos trabalhos de Defesa de Dissertação de MESTRADO, intitulada "PERCEPÇÕES DOS ENFERMEIROS LÍDERES QUANTO AO USO DA INTERNET NA ESTRATÉGIA DE ENSINO À DISTÂNCIA EM EDUCAÇÃO CONTINUADA", em sessão pública realizada em 13 de março de 2007, considerou a candidata RAQUEL ACCIARITO MOTTA aprovada.

1. Profa. Dra. Maria do Carmo Querido Avelar

2. Profa. Dra. Ana Llonch Sabatés

3. Profa. Dra. Luciane Lúcio Pereira

É expressamente proibida a comercialização deste documento tanto na sua forma impressa como eletrônica. Sua produção total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que citada a fonte.

Dedico este trabalho ao meu marido Flávio, acima de tudo um amigo, que soube compreender os momentos de ausência, sempre me incentivando e apoiando nos momentos em que precisei.

À minha filha Letícia, alegria constante em minha vida.

Aos meus pais Miria e José, que são a luz do meu caminho e sempre estiveram ao meu lado em minhas caminhadas.

Este trabalho foi construído com apoio, estímulo e respeito coletivo de várias pessoas e autores, das quais pude compartilhar muitas idéias, reflexões e palavras diversas.

Muito obrigado a todos!

AGRADECIMENTOS

Em especial à Dra. Profª Maria do Carmo Q. Avelar, coordenadora do Curso de Mestrado - UNG e minha orientadora neste estudo, com quem compartilhei uma convivência harmoniosa e que muito contribuiu para meu aperfeiçoamento pessoal e profissional.

Aos colegas, professores e funcionários da Universidade de Guarulhos pela colaboração, apoio e confiança nas atividades de ensino.

Aos enfermeiros que colaboraram participando da pesquisa com as contribuições fornecidas.

À Profª Rosa Áurea Q Fernandes pelo incentivo e contínuo apoio nas horas de indecisão.

À Carla, minha amiga, que por várias vezes pude contar no caminhar deste estudo.

À diretoria do Hospital, local do estudo, pelo apoio administrativo ao projeto, o qual proporcionou o desenvolvimento deste trabalho, principalmente à Diretora Assistencial Fernanda, que consentiu a participação dos enfermeiros nas entrevistas.

À minha sogra Marina e meu sogro Flávio, por estarem sempre comigo, me incentivando.

Aos meus irmãos, Denise, Belmira, Sérgio e Flávia e cunhados, que sempre estiveram por perto nos momentos em que mais precisei de apoio.

A Deus por permitir que eu continue meu caminho com fé e entusiasmo.

À todos, não há palavras para expressar a minha eterna gratidão!.

“O único limite para nossas realizações de amanhã
são nossas dúvidas de hoje”
Franklin Roosevelt

RESUMO

Motta, RA. Percepções dos enfermeiros líderes quanto ao uso da internet na estratégia de ensino a distância em educação continuada. 2006. Dissertação de Mestrado - Universidade de Guarulhos – SP

O enfermeiro líder enquanto educador deve possuir visão abrangente e permitir espaço para que as pessoas possam desenvolver seus conhecimentos. As atividades de educação desenvolvidas constituem uma das formas de assegurar o alcance da competência do profissional de enfermagem, ante o compromisso de manter a equipe atualizada e preparada para novos desafios. O ensino deve ser visto como uma ferramenta estratégica que visa a melhoria da qualidade. Atualmente, é exigido do enfermeiro líder na organização do trabalho, maior rapidez nos resultados, conduzindo sua equipe a familiarizar-se, cada vez mais, com as novas tecnologias, bem como buscar melhor qualificação e participação dos membros nos aprimoramentos propostos. Assim, este estudo objetivou levantar o conhecimento dos enfermeiros líderes de uma instituição, localizada na cidade de São Paulo, sobre estratégias de ensino e analisar a sua percepção em relação ao uso da internet no ensino à distância para enfermeiros, em educação continuada. Para tanto, optou-se pela pesquisa descritiva com abordagem qualitativa, utilizando-se o método de análise de conteúdo. Foram realizadas entrevistas com cinco enfermeiros coordenadores e quatro enfermeiros supervisores da instituição acima referida. Emergiram dos dados as seguintes categorias: *aceitação, resistência, conflito e conformismo*. Sobre as estratégias de ensino que conheciam houve menção de três enfermeiros apenas, sobre o uso da internet. Quanto à percepção dos enfermeiros líderes na categoria aceitação constituíram a disposição em aceitar o uso da internet como estratégia de ensino ante a necessidade de se ter conhecimento prévio sobre a mesma. As demais categorias: resistência, conflito e conformismo revelaram as dificuldades do enfermeiro no acompanhamento das transformações tecnológicas e a sua negação na insenção de projetos inovadores com uso da internet na estratégia de ensino à distância. Considera-se importante, como recomendação, que os enfermeiros líderes e educadores estejam preparados e atentos para sua utilização, como um incontestável processo inovador de ensino, contribuindo assim, para o alcance da eficácia no desenvolvimento e competência dos seus liderados.

Palavras-chave: Educação continuada, Educação à distância, Enfermagem

ABSTRACT

Motta, RA. Perceptions of nurses who lead teams, on the use of the Internet as a distance teaching strategy in continuing education 2006. Master's Degree Dissertation – University of Guarulhos - SP

As educators, nurses who lead teams should have a wide vision, and give people opportunities to develop their knowledge. The educational activities carried out are a way of ensuring that nursing professionals achieve competence, faced with the commitment to keeping the team up-to-date and prepared for new challenges. Teaching should be seen as a strategic tool aimed at improving quality. Currently, nurses who lead teams in the organization of the work are required to produce faster results, encouraging their teams to increasingly familiarize themselves with new technologies, as well as seeking better qualification and participation of the team members in the proposed improvements. This study, therefore, seeks to increase the knowledge of teaching strategies among nurses who lead teams, at an institution located in the city of São Paulo, and to analyze their perceptions on the use of the Internet as a distance learning tool for nurses in continuing education. It opts for a descriptive study with a qualitative approach, using the method of content analysis. Interviews were carried out with five coordinator nurses and five supervisor nurses at the above-mentioned institution. The following data emerged from the categories: *acceptance, resistance, conflict and conformism*. In terms of the teaching strategies of which they had knowledge, only three of the nurses mentioned use of the Internet. In relation to the perceptions of the nurses who lead teams, for the category acceptance, they demonstrated a willingness to accept the use of the Internet as a teaching strategy, due to the need to have prior knowledge of it. The other categories: resistance, conflict and conformism, revealed the difficulties experienced by nurses in keeping up with the technological changes, and their negation, seen in the lack of interest in innovative projects using the Internet as part of a distance learning strategy. It is considered important, as a recommendation, that nurses who lead teams, as educators, be prepared for and attentive to its use, as an indisputable innovative teaching process, thereby contributing to the effective development and competence of their teams.

Key words: Continuing education, Distance Education, Nursing

RESUMEN

Motta, RA. Percepciones de los enfermeros líderes cuanto al uso de la Internet en la estrategia de enseñanza a distancia en educación continuada. 2006. Disertación de Master – Universidad de Guarullos - SP

El enfermero líder, en lo que respecta a educador, debe tener visión de gran alcance y permitir espacio para que las personas puedan evolucionar en sus conocimientos. Las actividades de educación desarrolladas constituyen una de las formas de asegurar el alcance de la competencia del profesional de enfermería, ante el compromiso de mantener al equipo actualizado y preparado para nuevos desafíos. La enseñanza debe ser vista como una herramienta estratégica que visa la mejoría de la calidad. Actualmente, es exigida del enfermero líder en la organización del trabajo, mayor rapidez en los resultados, conduciendo a su equipo para familiarizarse, cada vez más, con las nuevas tecnologías, bien como buscar mejor cualificación y participación de los miembros en los perfeccionamientos propuestos. Así, este estudio tuvo el objetivo de hacer un examen general del conocimiento de los enfermeros líderes de una institución, localizada en la ciudad de San Pablo, sobre estrategias de enseñanza y analizar su percepción con relación al uso de la Internet en la enseñanza a distancia para enfermeros, referente a educación continuada. Para tanto, se optó por la encuesta descriptiva con abordaje cualitativo, utilizándose el método de análisis de contenido. Fueron realizadas entrevistas con cinco enfermeros coordinadores y cuatro enfermeros supervisores de la institución mencionada antes. Las siguientes categorías emergieron de los datos: *aceptación, resistencia, conflicto y conformismo*. Sobre las estrategias de enseñanza que conocían hubo mención, de tres enfermeros apenas, sobre el uso de la Internet. Quanto a la percepción de los enfermeros líderes en la categoría aceptación, se constituyó por la disposición en aceptar el uso de la Internet como estrategia de enseñanza ante la necesidad de tener conocimiento previo sobre la misma. Las demás categorías: resistencia, conflicto y conformismo revelaron las dificultades del enfermero en el acompañamiento de las transformaciones tecnológicas y su negación en la exención de proyectos innovadores con uso de la Internet en la estrategia de enseñanza a distancia. Se considera importante, como recomendación, que los enfermeros líderes y educadores estén preparados y atentos para su utilización, como un innegable proceso innovador de enseñanza, contribuyendo así para el alcance de la eficacia en el desarrollo y competencia de sus liderados.

Palabras-clave: Educación continuada, Educación a distancia, Enfermería

SUMÁRIO

RESUMO
ABSTRACT
RESUMEN

1. INTRODUÇÃO

1.1. Educação e o avanço tecnológico	01
1.2. Educação Continuada	13
1.3. Ensino a distância via internet	17
1.4. Problema de pesquisa e justificativa	23
1.5. Objetivos do estudo	26

2. TRAJETÓRIA METODOLÓGICA

2.1. A escolha do caminho	28
2.2. Local do estudo	28
2.3. Entrevista	30
2.4. Análise dos dados	34
2.4.1. Interpretação dos dados	37
2.4.2. Categorias temáticas	38

3. APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO

3.1. Caracterização dos enfermeiros entrevistados	40
3.2. Análise e discussão	42

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

REFERÊNCIAS 62

ANEXOS 68

1. INTRODUÇÃO

1. 1. Educação e o avanço tecnológico

Em relação à educação, para Freire¹, educar é possível para o homem, porque este é inacabado e sabe-se inacabado. O homem deve ser o sujeito da sua própria educação, não pode ser objeto dela. Por isso, ninguém educa ninguém. Afirma ainda que sem respeitar a identidade, sem autonomia, sem levar em conta as experiências vividas pelos educandos, o processo educativo será inoperante, como meras palavras despidas de significação real.

A educação é ideológica, dialogante, pois só assim pode-se estabelecer a verdadeira comunicação da aprendizagem entre seres constituídos de almas, desejos e sentimentos².

Para atingir essa aprendizagem autônoma e transformadora, juntos, educador e educando devem possibilitar uma sinergia com elementos básicos da educação, que Delors³ aponta como pilares. Para este autor, a principal consequência da sociedade do conhecimento vem a ser a necessidade de uma *aprendizagem ao longo de toda a vida*, fundada em *quatro pilares* que são ao mesmo tempo do conhecimento e da formação continuada, podendo ser tomados também, como bússola para nos orientar rumo ao futuro da educação. São eles:

- **Aprender a conhecer:** este tipo de aprendizagem tem a finalidade e o seu fundamento no prazer de compreender, de conhecer e de descobrir, tornando o aprendiz mais crítico e atualizado, despertando o prazer pelos estudos.
- **Aprender a fazer:** este tipo de aprendizagem é indissociável à anteriormente descrita. Tem maior referência com a formação profissional, onde o aprendiz põe em prática os seus conhecimentos, é o momento de agir de acordo com o conhecimento adquirido.
- **Aprender a viver juntos:** este tipo de aprendizagem é preciso para que haja a descoberta progressiva do outro, conhecimento sobre a diversidade humana, uma perfeita combinação entre qualificação, comportamento social, sentido de equipe, capacidade de iniciativa, comunicação, desenvolvimento de projetos comum, com o intuito de

resolver conflitos.

- **Aprender a ser:** a educação deve contribuir para o desenvolvimento total da pessoa, espírito e corpo, inteligência, sensibilidade, sentido estético, responsabilidade pessoal, espiritualidade. Sabendo como agir em diferentes circunstâncias da vida, devendo cada indivíduo ter pensamentos autônomos e críticos, ou seja, personalidade própria.

Historicamente, o processo educacional no ambiente de trabalho acontece igualmente e naturalmente à transferência de princípios, métodos e objetivos da educação formal, desrespeitando, muitas vezes, o contexto onde é processado e a sua finalidade para o educando e para a Instituição⁴. Na área da saúde, este processo também ocorre, instigando o repensar sobre a educação em serviço e como ela é realizada.

A função da educação de facilitar a mudança proporcionando o aprendizado, é essencial em um ambiente de trabalho onde tudo se transforma constantemente. Dessa forma, o ensino deve ser visto como uma ferramenta estratégica que visa a atualização e a melhoria da qualidade em serviço⁵. A globalização trouxe a rapidez da informação e das mudanças, com isso, o aprimoramento contínuo faz-se necessário em todos os aspectos do cotidiano de trabalho das pessoas.

A educação em serviço é um processo que propicia novos conhecimentos e que capacita para a execução adequada do trabalho, preparando para futuras oportunidades de ascensão, objetivando tanto o crescimento pessoal como o profissional, além de suprir as exigências institucionais⁶.

Nuñez e Luckesi⁶, apontam 4 áreas básicas da ação educativa em serviço:

- *introdução ao trabalho:* refere-se ao conjunto de ações educativas que visam preparar o indivíduo para atuação e integração no serviço, por ocasião da admissão na Instituição;

- *treinamento*: caracteriza-se pelas ações denominadas: *adestramento* (maior produtividade), *adaptação ao serviço* (relações humanas e integração);
- *educação continuada*: refere-se ao processo educativo advindos das mudanças que ocorrem na profissão, visando manter as atualizações necessárias e sua aplicação em serviço, fundamentada na motivação do indivíduo;
- *desenvolvimento*: refere-se aos programas que propiciem ao indivíduo oportunidades de melhorar e ampliar conhecimentos e habilidades profissionais (reuniões científicas, palestras, cursos de atualização, extensão universitária, pós-graduação, congressos, etc).

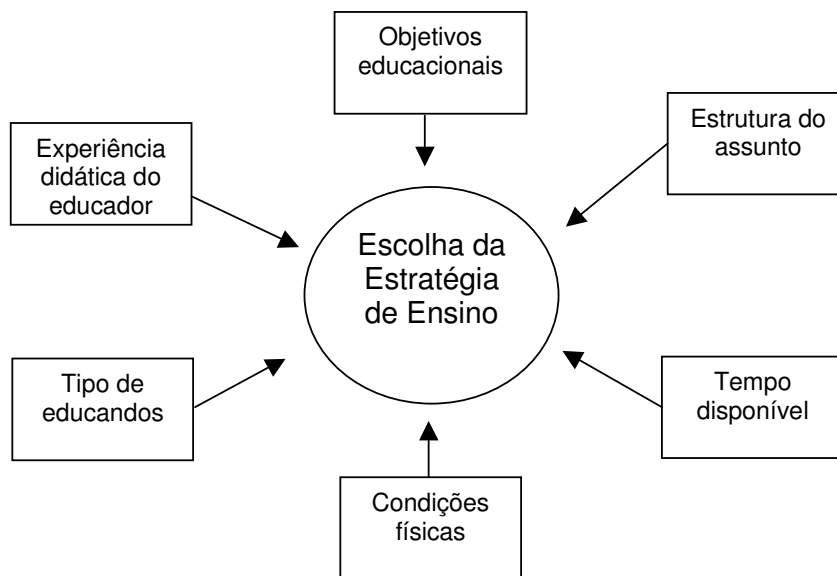
Neste sentido, o profissional enfermeiro ao terminar a sua formação na graduação vai para o mercado de trabalho, e se depara com o seu processo de trabalho permeado por atividades educativas. Acreditando-se que atividades de educação desenvolvidas constituem uma das formas de assegurar como meta o alcance e manutenção da competência do profissional, tenta-se de tudo para garantir que seja conseguida e manifestada pela equipe atualizada e sempre preparada para novos desafios.

Mas, o que significa ser um profissional competente? Entende-se como aquele que julga, avalia e pondera; acha a solução e decide depois de examinar e discutir determinada situação, de forma conveniente e adequada. Ser competente exige o saber, o saber fazer e o ser/conviver. (conhecimentos, habilidades e atitudes)⁷.

Tendo em vista que a utilização do termo *educação em serviço* envolve o reconhecimento das ações educativas como um processo contínuo, busca-se não a mera adaptação do educando ao mundo já constituído, mas alcançar através desse processo, a própria mudança⁴.

Assim, para as ações educativas, faz-se necessário a escolha de uma estratégia de ensino que atenda às necessidades dos educandos, a fim de alcançar o objetivo proposto no processo ensino-aprendizagem.

Para isto, existem alguns requisitos básicos que devem ser seguidos segundo Dylli⁴, para o alcance de uma educação eficaz. O diagrama abaixo explicita a idéia proposta:



Educar é uma das atribuições do enfermeiro que deveria ser exercida em qualquer área de atuação deste profissional. Principalmente, quando se trata da responsabilidade que o enfermeiro tem quando atua no gerenciamento da equipe de enfermagem em cargo de liderança.

Algumas atribuições dos enfermeiros em cargos de liderança são descritas a seguir conforme propõe Marx e Morita⁸:

- providenciar condições ambientais e estruturais para o atendimento ao cliente;
- distribuir tarefas e funções adequadas a cada membro da equipe;
- cooperar ativamente com o Serviço de Educação Continuada;

- prever e planejar o aperfeiçoamento da equipe de trabalho;
- fazer pesquisa científica para publicação de trabalhos;
- avaliar o desempenho da equipe;
- avaliar técnicas e rotinas do serviço, ajudando na implantação e mudanças;
- respeitar a especialidade do profissional, facilitando-lhe o exercício;
- e outras.

Assim, o enfermeiro líder, deve possuir visão abrangente e permitir espaço para que os liderados possam desenvolver seus conhecimentos exercendo, com eficiência e criatividade, o papel de educador do seu grupo de trabalho, preocupando-se com o constante desenvolvimento dos mesmos⁸.

Neste estudo, denomina-se *enfermeiro líder*, o profissional sujeito da pesquisa, enquanto gestor da equipe de enfermeiros. Busca-se, contudo, não desvinculá-lo da função de educador.

Para poder entender melhor seu duplo papel, líder e educador, faz-se necessário realizar a conceituação do termo *líder*, levando-nos a compreender melhor sua atuação frente à equipe de enfermeiros:

“O líder é um indivíduo que realiza ações que visam a integração de pessoas para obtenção de um objetivo e ao atuar, deverá considerar, além da personalidade dos liderados, todos os aspectos da situação existente no momento da sua atuação”⁹.

Essa referência ao líder, demonstra a importância que este tem em relação à adequação dos programas educativos de acordo com as necessidades da equipe que lidera.

Atualmente, é exigido do enfermeiro líder a organização do trabalho

visando maior rapidez nos resultados, a fim de conduzir sua equipe à familiarização das novas tecnologias, bem como à maior qualificação e participação dos membros da equipe, nos aprimoramentos propostos⁶.

O enfermeiro como líder e educador pode expressar diferentes formas de conceber o mundo, a sociedade, o homem, a saúde, incluídos os métodos e processos educacionais, resultando em diferentes formas de visão do profissional. Ele influencia o processo educacional de acordo com sua ótica, condicionado pela maneira como ele vê e sente o mundo. Assim, a ação educativa poderá ser traduzida ora por posturas individualistas ou conservadoras, ora por posições sociais inovadoras, sempre de acordo com suas próprias concepções¹⁰.

O avanço tecnológico tem-se intensificado de forma rápida e diversificada, tornando-se evidente a necessidade de mudanças em vários aspectos do cotidiano dos profissionais. Isso tem influenciado, sobretudo, as relações humanas no âmbito cultural, social, político e econômico, tornando claro o seu processo evolutivo e transformador⁴.

Pensar em educação nos dias de hoje baseada no uso das tecnologias é um ato responsável e ético, principalmente quando se analisa as mudanças ocorridas desde o advento do computador e da internet no dia a dia dos profissionais e o quão rápido e eficazes tornaram-se os processos de trabalho e de qualidade em serviço¹¹.

As grandes mudanças na transição para a sociedade da informação afetaram também a educação. Tem-se que repensar seriamente os modelos aprendidos até agora. Ensinar e aprender com uso das tecnologias inovadoras é um desafio que precisa ser enfrentado com muita responsabilidade. Têm-se feito adaptações do que já se conhece. A educação hoje começa a ser fortemente modificada; e organizações, líderes e demais profissionais são desafiados a encontrar novos modelos em diferentes situações. A tecnologia vem permitindo ver-nos e ouvir-nos facilmente, como exemplo temos as salas de teleconferência, colocando em xeque o conceito tradicional de sala de aula, de ensino e de organização dos procedimentos educacionais¹². Muito embora esta seja uma

realidade, não é o que notadamente ocorre no cotidiano educativo em saúde, principalmente no contexto hospitalar e da enfermagem.

Nesta ótica, se estabelece a diferença entre treinar e educar podendo direcionar o ensino de forma mais adequada, pois se treinar é aprender técnicas e habilidades necessárias para determinado fim, educar é muito mais do que isso; é criar possibilidades para a produção e construção do conhecimento¹³. Assim tem-se, entre enfermeiros líderes e educadores, muito maior responsabilidade na educação como agentes transformadores do que apenas transmissores de conhecimento.

Se o conceito de educação implica no processo de mudança-transformação do sujeito, concorda-se que o homem é o sujeito da sua educação, e esta depende da interação do homem com o mundo e com os outros, sendo a educação, o caminho para o desenvolvimento humano¹.

Segundo Bordenave¹⁴, para que ocorra o processo educativo, deve-se começar na constatação do estado atual do educando, quanto ao seu conhecimento sobre o assunto, bem como às suas atitudes a respeito do tema a ser aprendido. Outro dado relevante é o estabelecimento de objetivos do ensino, para que ocorram as modificações desejadas, sendo que o educando deve viver *certas experiências indispensáveis* para que o aprendizado ocorra. Tais experiências são provocadas mediante sua exposição a *situações estimuladoras e às mensagens*. A instrumentação dessas atividades educacionais é a principal tarefa do educador. Nelas, estão contidos os recursos e meios que o educador escolhe para ensinar.

Para se traçar uma estratégia de educação em serviço, a partir do objetivo proposto, necessita o enfermeiro líder e educador conseguir que seus educandos se exponham ou vivam certas experiências capazes de neles induzir as mudanças desejadas. Mas, certas experiências, por sua vez, exigem certa influência da estratégia de ensino escolhida, para que o mesmo realmente adquira o conhecimento⁸.

Neste sentido, a influência que o enfermeiro líder tem em relação ao preparo e aprimoramento da equipe de enfermeiros, é determinante na eficácia do

seu papel, principalmente no desenvolvimento do planejamento e execução da maioria dos programas em Educação Continuada realizados para estes profissionais.

Vivemos atualmente o avanço da sociedade do conhecimento, um avanço onde as pessoas usam sua inteligência para criar, desenvolver e utilizar novas fontes de saber, transformando-as em resultados às empresas, à sociedade e para elas mesmas”⁶.

Este avanço é percebido quando vemos que a tecnologia chegou tão rápido às nossas casas e ao nosso trabalho, que as pessoas pouco se deram conta disso, quase não vivemos mais sem ela. Essas mudanças interferem no cotidiano do indivíduo de forma profunda, tornando necessária sua adaptação a este novo contexto. Uma *mudança* que significa: alteração, modificação, variação, substituição ou transformação; engloba a idéia de promover a transformação do comportamento, de atitudes ou sentimentos no decorrer de um certo tempo⁶.

Assim, qualquer modelo ou estratégia de ensino deve considerar as diferenças individuais, habilidades, experiências e estilos de vida de cada indivíduo. Seguindo este raciocínio, pode-se dizer que *aprendizagem e desenvolvimento* não são coisas idênticas, nem separadas e independentes. Entre os dois processos há relações complexas que provocam determinações e influências mútuas. Para que o aprendizado não seja mecânico nem meramente imitativo, é necessário que haja assimilação, seleção, processamento e interpretação¹⁵.

O indivíduo, para aprender, precisa realizar um trabalho cognitivo de análise e revisão de seus conhecimentos, para que sejam realmente adquiridos e propiciem um nível mais elevado de competência. A influência do enfermeiro educador na sua intervenção estratégica pode tornar significativo o aprendizado do educando.

O estímulo na perspectiva do educando deve ser o projeto original no planejamento didático das situações incentivadoras de aprendizagem⁶. Os aspectos que o enfermeiro líder julgar serem coerentes no processo de ensino devem

contemplar a motivação inicial da equipe. O enfermeiro líder como educador deve estar preparado para a construção do conhecimento junto à equipe de enfermagem, familiarizando-se com as estratégias de ensino atuais e inovadoras. Não devem ser descartados a cultura organizacional e os objetivos que a instituição deseja alcançar, suprimindo apenas os aspectos profissionais e pessoais no momento deste planejamento.

O papel fundamental da educação é viável quando os agentes que nela atuam conseguem exercer, com competência e autonomia, sua função de ensinar.

Controlados por situações que geram e mantêm repertórios comportamentais limitados e repetitivos, por contingências coercitivas, por regras impostas arbitrariamente ou por regras construídas a partir de saberes idealizados, como se fossem “receitas”, os enfermeiros líderes podem manter-se dessa forma desinformados, desatualizados e afastados dos conhecimentos que precisam adquirir para planejar a ação educativa de modo eficiente e autônomo¹⁰.

Construir meios para que os profissionais possam desenvolver suas competências deve ser a base da conduta do educador¹⁵. Cada vez mais é exigida dos enfermeiros capacitação para os novos desafios e exigências da profissão. Assim, vários fatores imprescindíveis permeiam a necessidade de desenvolvimento do corpo funcional de enfermeiros: o enfrentamento da competitividade e das adversidades do mercado, as novas tecnologias, bem como a necessidade de melhoria contínua dos serviços prestados.

A percepção do enfermeiro líder enquanto educador em relação à estratégia de ensino aplicado e a utilização das novas tecnologias, das quais destacamos a internet, nos permite ter uma visão mais apropriada do contexto relacionado ao ensino em serviço para os enfermeiros. Segundo Weffort¹⁶, a percepção não está desligada do ato de pensamento. Mediando sujeito e ambiente, a percepção ultrapassa o dado sensorial e vem carregada de significados. Assim, o enfermeiro líder e educador que não estiver buscando o comprometimento com o aprimoramento e educação permanente de sua equipe, estará em via contrária à qualidade.

O advento dos avanços tecnológicos e a comunicação mais eficiente, aliado ao investimento em recursos humanos pelas instituições, imprimiram maiores responsabilidades aos enfermeiros. Tendo como uma de suas bases a resolução de problemas por meio do conhecimento e da aprendizagem adquirida nos estudos científicos em seu cotidiano, deve-se ter uma perspectiva de educação continuada visando o aprimoramento das suas habilidades, bem como meios para gerenciar o próprio aprendizado, integrando seu conhecimento e explorando novos saberes¹⁷.

Para Bezerra¹⁰, existe uma conscientização da necessidade de auto desenvolvimento, o que pode estar ocorrendo em razão da rapidez das mudanças que levam as pessoas a buscarem a atualização de seus conhecimentos. Há necessidade de se proporcionar programas de educação continuada que atendam adequadamente as carências dos enfermeiros¹⁸, bem como o uso eficiente de tecnologia avançada, que tem se tornado um desafio para esses profissionais.

Um estudo relacionado à atitude de enfermeiros quanto ao uso da tecnologia avançada demonstrou que os enfermeiros foram favoráveis ao uso do computador e o encararam como mais uma ferramenta de trabalho. Evidenciou-se também que nos últimos anos ampliou-se o uso de computadores e é possível que o advento da *internet* de alguma forma tenha contribuído para isso. Esses achados reafirmaram a importância de se estudar a atitude dos profissionais antes de iniciar qualquer projeto que possa alterar o processo educativo no trabalho, com o propósito de conhecer os pontos críticos que devem ser considerados, a fim de facilitar a implantação e envolvimento dos profissionais no processo¹⁹.

O enfermeiro líder e educador deve conhecer as estratégias que o auxiliem na construção do conhecimento, sendo o facilitador do processo de ensino-aprendizagem da sua equipe.

Como enfermeira educadora no contexto hospitalar, tenho percebido que as estratégias tradicionais de ensino ainda permeiam muitos programas de educação das equipes, embora se tenha na atualidade a disponibilização de várias tecnologias inovadoras de ensino. A verdade é que tem sido ensinado, de modo

geral, aspecto superficial de conteúdos da teoria ou, pior, são abordados apenas procedimentos dela derivados sob a forma de receitas. A questão é que para corrigir esta distorção é necessário não apenas conhecer bem a teoria, como ter uma visão clara do que ensinar, como ensinar e para quem ensinar¹⁵.

Mediante minha inquietação no sentido de saber qual a percepção do enfermeiro líder sobre as estratégias de ensino que conhece, incluindo o uso da internet, buscou-se neste estudo, retratar esta realidade.

Os dados de um levantamento realizado no 2º semestre de 2005, gentilmente cedidos pelo Serviço de Educação Continuada (SEC) do Hospital, local deste estudo, junto aos seus enfermeiros sobre questões relacionadas ao acesso à Internet e seu interesse em cursos on-line, conduzidos pelo próprio setor de Educação Continuada²⁰, chamaram a atenção para alguns aspectos em relação ao uso desse recurso, os quais foram obtidos com a participação de 60 enfermeiros que aceitaram responder o questionário e encontram-se citados à seguir.

Questionados se possuíam computador em sua casa, a maioria dos enfermeiros respondeu positivamente (47 – 78,34%). Considerando o mercado de trabalho cada vez mais competitivo, faz-se necessário obter competências antes pouco exigidas e exploradas, até porque já é realidade o uso da informática no contexto da maioria dos serviços de saúde.

Quanto ao questionamento sobre o acesso à Internet, os resultados demonstraram já ser uma realidade para 52 (86,67%) desses enfermeiros. Com a globalização, a necessidade do aprimoramento contínuo e a rapidez com que as mudanças ocorrem, como já foi visto anteriormente, fazem do profissional da saúde um eterno corredor de maratona, pois se o mesmo não desenvolver seus conhecimentos, ficará atrás de muitos que o fazem, permanecendo aquém de suas responsabilidades profissionais.

É importante salientar que o uso da Internet veio contribuir irreversivelmente para essa maratona, e conseqüentemente, possibilitando a ampliação da visão e abrangência de atuação do profissional enfermeiro.

Quanto ao resultado sobre se os enfermeiros acessam a Intranet no Hospital, 44 (73,34%) enfermeiros consultados responderam positivamente.

A *Intranet* é um meio pelo qual a empresa disponibiliza aos seus funcionários informações internas, em rede, pertinentes aos processos de trabalho e que pode ser consultada a qualquer momento e de qualquer lugar da instituição onde tenha um computador ligado em rede⁹. Semelhante à *internet* tradicional, a *intranet* é uma ferramenta auxiliar na corrente de informações geradas, fazendo com que a comunicação interna torne-se mais ágil e eficaz. Entretanto, tendo em vista sua finalidade na instituição, a expectativa era de que todos os enfermeiros (60 - 100%), acessassem a intranet no hospital, o que não ocorreu.

Quanto ao questionamento sobre se já fizeram curso on-line, o que chamou a atenção foi o número extremamente pequeno de enfermeiros que responderam positivamente, apenas 3 (5,00%). Este quadro pode ser caracterizado como falta de oportunidade ou de incentivo para o uso dessa estratégia, pois a maioria relata acessar a internet.

Quanto ao questionamento sobre seu interesse em fazer curso on-line, 49 enfermeiros (81,64%), manifestaram-se a favor da sua realização.

Esses dados fizeram com que a minha inquietação aumentasse, o que me fez iniciar este estudo com a intenção de verificar o conhecimento do enfermeiro líder sobre estratégias de ensino e analisar sua percepção em relação ao uso da internet como uma das estratégias de ensino à distância, utilizadas na educação continuada para enfermeiros.

1.2. Educação Continuada

Apesar da educação conter muitos meios de desenvolver o processo ensino-aprendizagem, os métodos de ensino preconizados pelas empresas resultam da cultura organizacional e da visão conceitual e política dos seus dirigentes. São, também, influenciadas pela estratégia proposta pelas lideranças das equipes e pelo Serviço de Educação Continuada, diante da operacionalização de seus programas de educação²¹.

No cotidiano do agir e do fazer, uma das formas de realizar educação continuada é através das relações interpessoais²². A relação dos enfermeiros e a equipe de enfermagem, bem como com as demais equipes dos diferentes serviços também contribui para educação da enfermagem.

A aprendizagem é caracterizada por alguns princípios como a necessidade de saber, o auto conceito de aprendiz, as experiências de vida, a vontade de aprender, a orientação de aprendizagem e a motivação que tem influenciado os estudos da área de desenvolvimento de pessoas e de educação continuada¹⁰.

Embora possam ser encontradas descrições muito parecidas na literatura, os termos: *Educação Continuada*, *Educação Permanente* e *Formação Continuada* têm muita similaridade entre si, visto que colocam como eixo o conhecimento¹⁰. Neste estudo, optou-se pela terminologia *Educação Continuada*, uma vez que vislumbra a capacitação e o desenvolvimento pessoal e profissional do indivíduo trabalhador, adotando uma abordagem mais específica e apropriada para o local de trabalho²³.

Na educação continuada é a *mediação* que contribui para uma educação fundada nos quatro pilares da educação já mencionados na introdução deste estudo: aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a viver juntos e aprender a ser. Assim, torna-se imprescindível a necessidade de um ambiente favorável e propício à

aprendizagem contínua do enfermeiro, que possibilite a captação da realidade do seu cotidiano, despertando-o para aplicação de novas idéias; aumentando sua competência, fazendo a diferença na sua carreira profissional²³. Neste sentido, inclui-se como uma das estratégias mais apropriadas, a aplicação do uso de recursos tecnológicos inovadores no ensino, como a internet.

Para entendermos esse processo de educação, devemos inicialmente entender como ocorre esse processo. O Serviço de Educação Continuada deve arquitetar a estratégia, os instrumentos, a metodologia e a alocação do tempo no sentido de atender às demandas²¹. Mas, isso deve ser feito em conjunto com os envolvidos nesse processo, buscando a adequação desses recursos em relação aos conteúdos e objetivos, principalmente envolvendo os líderes.

Para desenvolver um programa de educação continuada, existem algumas etapas que visam o seu melhor aproveitamento teórico/ prático. *Millioni*¹⁵, *descreve essas etapas utilizando como primeira fase o diagnóstico ou levantamento de necessidades e como segunda fase o planejamento. Para Kurcgant*²⁴, *o desenvolvimento de todo o processo é chamado de **Planejamento**. Este processo tem como **primeira fase** Identificar as necessidades e fazer o diagnóstico situacional, que inclui toda análise realizada previamente ao Programa de Educação Continuada a ser implementado, realizado através de entrevistas, reuniões, questionários, provas de conhecimento, supervisão, análise de incidentes com indicadores, avaliação de desempenho, mudanças de métodos e processos de trabalho, entre outros. Examinar o passado, rever indicadores e experiências anteriores de ensino-aprendizagem são fatores que levam à um diagnóstico mais preciso*²⁴. *Todavia, para que esta análise ocorra, além de haver a necessidade de interação da liderança com toda equipe para saber sua expectativa é importante fazê-la participar desta decisão, proporcionando assim, um preciso diagnóstico sobre as necessidades. A **segunda fase**, a *elaboração do programa*²⁴, é uma das mais importantes, pois nela está inserida a estratégia e recursos de ensino a serem aplicados no desenvolvimento do conteúdo escolhido. Nesta fase são decididos os objetivos, público-alvo, conteúdo, forma de divulgação, avaliação e custo. A **terceira fase** é a *aprovação do programa e a execução do mesmo*, isto é, ao colocá-lo em*

prática. Deve-se constatar que o grau de participação das pessoas vem a ser o facilitador para a implantação do planejado, conferindo legitimidade ético- político ao programa e respeito às pessoas e à organização. A **quarta fase** é a *avaliação* do programa: que verifica a pertinência do conteúdo, a adequação das estratégias de ensino e dos recursos; avaliação dos resultados: que verifica a mudança de comportamento dos educandos; avaliação dos custos: que apesar de pouco utilizada, faz uma análise do custo- benefício ou custo- efetividade do programa educativo, verificando se o investimento valeu a pena²⁴.

Ao término de um programa de educação continuada, deve-se emitir relatórios analíticos, a fim de agregar informações que contribuam para uma tomada de decisão e divulgação das atividades realizadas²⁴.

Planejar e implementar um programa de educação continuada não é tarefa fácil, principalmente nos dias atuais, onde a busca por certificações de qualidade dos serviços de saúde e o avanço tecnológico em vários setores, faz com que a qualidade do processo de trabalho e do processo ensino-aprendizagem sejam constantemente aferidos em seus resultados.

Na busca por atualizações freqüentes as pessoas buscam na tecnologia da informação (por exemplo: computador e internet), o meio para alcançarem a agilidade que precisam para cumprir suas atividades. Entretanto, a impressão de estarmos mais impessoais com tanta tecnologia faz-nos refletir em relação ao próprio contexto deste advento. A cada dia, o homem acredita que ao desenvolver tecnologia e soluções deterá mais poder. A tecnologia da informação, o mundo virtual, a simultaneidade e instantaneidade estão mudando o modo do homem pensar e se relacionar: novos códigos, nova cultura, nova forma de pensar e nova linguagem vão tomando corpo¹¹.

Assim, sem anular o processo criativo de gerar novas experiências de aprendizado, precisa-se refletir sobre uma postura humanizada, que deve ser uma constante, tornando possível a troca de conhecimentos, principalmente no contexto da atuação do enfermeiro.

Com a expansão do Ensino a Distância (EAD) no Brasil, as instituições vêm investindo em tecnologia e na preparação de equipes, envolvendo gestores e

profissionais de perfis específicos, com conhecimentos de didática, comunicação e estética visual, que por sua vez, investem no desenvolvimento de novas ferramentas para o EAD²⁵. No Brasil, o EAD cresceu 33% em 2002, em 2003, foi divulgado no Congresso E-learning que 250 grandes corporações já utilizavam esta tecnologia para a educação continuada dos funcionários ¹¹.

Partindo dos pressupostos que devem estar contidos no Serviço de Educação Continuada: trabalhar a partir das necessidades do educando, envolvendo-o no processo decisório e valorizando o saber adquirido ao longo da vida⁹, este estudo buscou explicitar o conhecimento dos enfermeiros líderes sobre as estratégias de ensino, bem como analisar suas percepções sobre o uso da internet como um recurso de ensino à distância em programas de educação continuada.

1.3. Ensino à distância via Internet

O ensino a distância (EAD), é uma forma de educação que possibilita o auto-aprendizado, com a mediação de recursos didáticos sistematicamente organizados, possibilitando que o educando tenha maior contato com seu raciocínio lúdico e vivencial de forma autônoma. Os primeiros registros de EAD que se tem notícia, foram os cursos por correspondência, ainda no século 19, na Europa. No Brasil, este método de ensino popularizou-se com os cursos profissionalizantes por correspondência, em seguida, vieram o rádio e a televisão²⁶.

Na década de 60, a defesa americana preocupada em desenvolver uma rede que mantivesse os computadores interligados mesmo em situação de uma possível guerra, fez com que surgisse então, a *Internet*. Em 1994, ocorreu a ampliação do EAD e do uso de novas tecnologias da comunicação e da informação no Brasil, em especial a *Internet*, com a criação de legislação competente somente no ano de 1996²⁶.

Assim, desde o surgimento do EAD num olhar cronológico, percebeu-se que as diferentes tecnologias incorporadas ao ensino contribuíram para definir os suportes fundamentais das propostas. Livros, cartilhas ou guias especialmente redigidos foram as propostas iniciais; a televisão e o rádio constituíram suportes da década de 70; os áudios e vídeos, da década de 80. Nos anos 90, a incorporação de redes de satélites, o correio eletrônico, a utilização da *internet*, apareceram como os grandes desafios dos programas educativos²⁷.

Por milênios, ensinar e estudar foram atos que sempre ocorreram em proximidade física. Isto se fixou firmemente na consciência das pessoas. Por isso, ensinar e estudar a distância são considerados de antemão, como excepcionais, não comparável ao estudo face- a- face e, muitas vezes, também como especialmente difícil. Pelo fato de se considerar a distância como um déficit e a proximidade física,

pelo contrário, como desejável e necessária, já nas primeiras tentativas de estabelecer princípios didáticos específicos para o ensino à distância, havia sempre a busca para encontrar meios e caminhos para superar, reduzir, amenizar ou até mesmo anular a distância física²⁸.

O EAD, que já passou por várias experiências e reflexões ao longo de sua trajetória e passando por releituras, desponta valorizado como uma estratégia que possibilita respostas ágeis e viáveis a diferentes necessidades educacionais, principalmente no que se refere à implantação de propostas de formação e atualização profissional. A flexibilidade do EAD permite o desenvolvimento de inúmeros modelos e diferentes sistemas educacionais, tornando-a bastante atrativa. Por outro lado, estratégias de ensino à distância constituem um fator que contribui, na medida em que configure uma alternativa de acesso, também fora do trabalho, nos processos educacionais para o alcance dos conhecimentos socialmente construídos e sistematizados para pessoas que, de outra forma, não teriam como fazê-lo²⁸.

O desenvolvimento da modalidade à distância, nos últimos anos, serviu para implementar os projetos educacionais mais diversos e para as mais complexas situações: cursos para o ensino de ofícios, capacitação para o trabalho ou divulgação científica, campanhas de alfabetização e também estudos formais em todos os níveis e campos do sistema educacional²⁷.

Aprender e ensinar à distância, assim como presencialmente, implica em intencionalizar o ato de apoio pedagógico, desenvolvendo ações capazes de efetivamente concretizar este apoio, necessário, portanto, a redefinição profunda da relação didática comunicacional e interativa do processo educacional²⁹. Cabe aqui ressaltar, que a intenção de apoio é sempre muito positiva, no entanto muitos projetos educativos não saem do papel e não vão para o campo da ação, devido à falta de estrutura, falta de recursos, falta de apoio dos dirigentes das instituições e conhecimento dos educadores para a elaboração e implantação do mesmo, principalmente quando se trata de um processo inovador de ensino, como por exemplo, a internet.

Conforme dizia Lobo²⁹, não há necessidade que o aprendizado ocorra apenas na presença do educador, ele pode ocorrer à distância, mas nunca esquecendo que o apoio pedagógico e a comunicação efetiva devem acontecer, seja ela presencial ou virtual.

O progresso da tecnologia da informação e da comunicação apresentam um novo posicionamento tanto cultural quanto educacional. A grande quantidade de informações disponíveis e sua conversão em conhecimento, que permeiam nossas relações com o saber, estão adquirindo um novo ordenamento. Trata-se de um território eletrônico, onde se trabalha com informações, dados e memória compartilhada através da interação, onde o espaço e o tempo não têm referência³⁰.

E é isso que fascina. A capacidade de criação, interação e aprendizado, a qualquer hora, a qualquer momento. Nesta abordagem leva-se em consideração a estratégia de EAD por meio da internet, onde o aluno não é mais instruído, ensinado, mas é o construtor do seu próprio conhecimento. Assim, o uso do computador deve ser visto como um recurso didático, como o retroprojetor, o vídeo entre outros meios³¹.

Para usar o recurso da internet numa estratégia de EAD o educando deve ter um perfil diferenciado, ou seja, deve ser autodisciplinado, consciente, pesquisador, responsável e indagador²⁷. Esses quesitos devem ser observados e explorados no decorrer do processo de implantação do programa de educação, buscando incentivar e familiarizar o enfermeiro nesta modalidade de ensino.

No levantamento realizado pela instituição de saúde sobre acesso à internet, o enfermeiro, de modo geral, mostrou-se familiarizado com essa tecnologia, bem como expressou seu interesse por cursos on-line.

Este é um processo de conquista, de crescimento, de desvelar os caminhos e possibilidades, e nisso a tecnologia só pode ajudar. Na verdade, pode-se acreditar que esta é uma estratégia que não vem competir com o ensino presencial e sim agregar²⁹.

A construção que se desenvolve a partir de um desafio de socialização e de uma experiência, aliada ao compromisso ético e político de contribuir para a transformação que se busca na prática de Enfermagem, coloca esse processo num exercício de dualidades: de um lado a experiência de um processo de ensino marcado pela criatividade/afetividade/humanidade a serviço da construção do conhecimento, declarado pelas suas opções estratégicas e, de outro, a proposta de tecnologizar essa experiência, sem incorrer nos riscos inerentes à tecnologia – a desumanização da assistência²⁹. Este é, no entanto, um tema que poderá ser investigado em outros estudos, já que o advento desta tecnologia, é incontestável.

Ao pensar-se numa estratégia de ampliação das possibilidades de acesso difuso à educação, atrelada a estratégia empresarial atual, o EAD deve aprofundar o compromisso do educando quanto aos resultados de sua prestação de serviço, pois muitas vezes a busca do saber parte do próprio indivíduo que sente essa necessidade do aprimoramento²⁹.

Existem inúmeras citações relativas a EAD que, ora enfatizam a questão tecnológica (internet) e pedagógica, ora, outros aspectos relacionados às características da clientela e do acompanhamento do processo ensino-aprendizagem, dentre as quais destaca-se³²:

- na educação à distância, os alunos estão relativamente dispersos;
- são alunos predominantemente adultos;
- há possibilidade de comunicação massiva;
- a comunicação pode ser de dupla via, ou seja, o aluno interage com o sistema que produz o ensino, com intermediação realizada pelo tutor/educador;
- o estudo é individualizado, independente e autônomo. O que se pretende é que o educando aprenda a aprender;
- há tendência a adotar estruturas curriculares flexíveis, que permitam maior adaptação às possibilidades e expectativas dos educandos, liberdade de ação, respeito ao ritmo;
- o custo é decrescente por estudante, depois de um grande

investimento inicial na produção e editoração do material gráfico, por exemplo;

- a comunicação se dá por meio da utilização de tecnologias convencionais e inovadoras.

A abordagem de aspectos pedagógicos em diversas situações de ensino leva a afirmar que o enfermeiro é capaz de desenvolver a atitude da auto-aprendizagem.

Socializar o saber não é uma prática comum³³, não é transmitir o conhecimento adquirido de um para o outro, é necessário que haja uma construção deste saber, para que ele seja real.

Sabe-se que com a rapidez das mudanças, a educação continuada tornou-se possível graças à associação entre computador e vontade pessoal de melhorar³⁴. Assim, acredita-se que sistematizar novas idéias sobre a educação continuada para equipe de enfermagem com o uso do EAD, considerando o seu poder científico e criativo, de forma a buscar melhorias na prática assistencial, possibilita a produção de resultados concretos e mensuráveis para a Instituição.

O potencial da Internet como um recurso no ensino já é uma realidade e apresenta uma tendência crescente para levar aprendizagem criativa e inovadora aos estudantes distribuídos por áreas geográficas distantes. As implicações desta tecnologia para a formação e educação de enfermeiros, são animadoras³⁴. Esse sem dúvida, o maior desafio para a autora, que motivada para fazer uso do recurso em educação continuada de enfermeiros, vivencia um ambiente onde o componente técnico, muitas vezes, supera o conceitual, onde a mudança da sala de aula para o auto-aprendizado virtual retrata uma realidade incontestável.

Assim, a virtualização utilizada na educação em serviço para enfermeiros, pode-se mostrar um ótimo recurso para oferecer melhores oportunidades de aprendizagem, em conjunto com o ensino presencial.

Para atingir o objetivo proposto no estudo, partiu-se das seguintes indagações: quais estratégias de ensino os enfermeiros líderes conhecem? Como percebem o uso da internet como estratégia de EAD na Educação Continuada para capacitação dos enfermeiros da sua equipe?

O advento do EAD veio reforçar minha inquietação, o que me fez buscar neste estudo, as respostas às indagações, surgidas no decorrer da minha experiência vivida como enfermeira, responsável por um serviço de educação continuada.

1.4. Problema de pesquisa e justificativa

A qualificação dos profissionais de enfermagem e as exigências quanto à melhoria da qualidade dos resultados da assistência prestada estão diretamente relacionadas ao conhecimento/ competência dos enfermeiros. Geralmente, programas de educação e treinamento proporcionados pelas instituições, têm como finalidade elevar esse nível de atuação dos profissionais e como consequência, a qualidade dos serviços prestados pela instituição.

Mas, em programas de educação continuada para enfermeiros ainda depara-se com uma realidade onde o aprendizado acontece numa *abordagem instrucionista*, onde o aprendiz recebe as informações prontas, centradas no educador, que tem como princípio a transmissão do conhecimento através de aula, freqüentemente expositiva, exigindo memorização³⁵. Em contraposição, há a *abordagem construtivista*, onde o aprendiz irá construir o próprio conhecimento através da automotivação, interesses pessoais, descobrir, redescobrir, inventar, sendo que “o que se faz” é tão importante quanto, “como” e “porque se faz”³⁶.

Entretanto, a qualificação dos recursos humanos em enfermagem passa por algumas dificuldades³⁷, que permeiam o seu processo de educação como:

- aumento da demanda no trabalho, diminuindo ou impossibilitando a participação em programas de educação continuada regulares, proporcionados pela empresa, em horário de expediente;

- dificuldade de permanência do enfermeiro fora do expediente devido a compromissos profissionais ou pessoais, como: vínculos empregatícios, estudo, cuidar dos filhos e da casa;

- ensino tradicional em sala de aula, com pouca motivação dos presentes;

- aumento do “banco de horas”, ao ficar para a aula após o expediente;

- pouco envolvimento dos líderes de equipe em relação ao conteúdo e metodologia utilizada para o aprendizado do pessoal de enfermagem.

A jornada de trabalho, muitas vezes dupla ou tripla, dificulta o acesso à informação e a qualificação. Outro fator importante é a falta de um espaço/tempo para discussão no próprio local de trabalho. Muitas vezes, esse momento é oferecido ao profissional e é visto como apenas mais um treinamento²³.

Treinamento apenas é transferir conhecimento, visto, portanto, como ineficaz ou insuficiente³⁸.

Com essas colocações e mediante minha experiência profissional tive a intenção de entender essas dificuldades atualmente vivenciadas no planejamento e execução de programas de educação continuada para enfermeiros, principalmente utilizando a internet, como recurso de ensino, a partir da visão dos líderes da equipe de enfermeiros e levando em consideração as percepções sobre quanto a tecnologia pode e irá afetar a maneira como o trabalho é feito, bem como o local onde é feito¹⁶.

Portanto, se há outras alternativas de ensino que auxiliem o aprendizado, porque o enfermeiro não as utiliza?

Será que há condições para implantação de programas de ensino on-line nas instituições de saúde que possuem a intranet e internet, mediante a visão dos líderes da equipe de enfermagem?

Estudos destinados a medir a *atitude* de possíveis usuários da tecnologia virtual³⁴⁻³⁹ referem que a interatividade favorece o processo de aprendizagem, além disso, pode-se identificar aspectos que poderão auxiliar no planejamento de estratégias que facilitarão a adesão ao uso do sistema computacional.

As *atitudes*, podem ser definidas como disposição interior, ou maneira de enfrentar um problema, que afetam a escolha de ação ou comportamento em relação às pessoas, objetivos ou eventos³⁹. Atitudes negativas em relação ao método de EAD podem levar as pessoas a evitarem o uso dos sistemas computacionais ou mesmo resistir a introdução de tais sistemas como método de ensino. A partir das experiências vividas como responsável por um serviço de educação continuada, foi possível levantar algumas suposições acerca das dificuldades de adesão dos enfermeiros aos programas de educação formulados, já

descritos na parte introdutória deste trabalho.

Assim, justifica-se explorar o problema que motiva o presente estudo, quando surgem as seguintes questões: O enfermeiro líder, enquanto educador, conhece quais estratégias de ensino? Na sua visão, quais são as mais importantes? Qual a percepção desse enfermeiro quanto ao uso da Internet para o Ensino a Distância, como uma alternativa de aprendizado para os enfermeiros?

Conhecer a percepção do enfermeiro líder da equipe de enfermeiros, com foco na utilização da estratégia de EAD via Internet, é um aspecto essencial que será investigado, que poderá contribuir com subsídios para o planejamento de ações de educação continuada para enfermeiros, possíveis de serem desenvolvidas no serviço de saúde.

1.5. Objetivos do estudo

- Verificar o conhecimento dos enfermeiros líderes de um Hospital privado da cidade de São Paulo sobre estratégias de ensino que possam ser utilizadas na educação continuada de enfermeiros.
- Analisar a sua percepção sobre o uso da internet na estratégia de EAD em educação continuada de enfermeiros.

2. TRAJETÓRIA METODOLÓGICA

2.1. A escolha do caminho

Optou-se pela pesquisa descritiva com abordagem qualitativa, buscando trabalhar com o universo de significados, motivações, crenças, valores, satisfações, desapontamentos, e atitudes, na tentativa de compreender a perspectiva dos sujeitos em relação ao objeto de estudo, conforme propõe Minayo⁴⁰.

Com este estudo, foram apreendidos os elementos, presentes nas falas dos enfermeiros nas suas múltiplas dimensões, buscando possibilidades reveladoras de suas idéias em relação às estratégias de ensino na educação continuada, com foco na educação à distância por meio da internet.

Para Minayo⁴⁰, a compreensão e a análise dos dados são possíveis por apresentarem núcleos diversos de "*claridade e de nitidez em relação à realidade*". Tendo em vista este contexto, interessa-nos, principalmente, as diferentes idéias e visões que os enfermeiros líderes têm em relação às estratégias de ensino e o significado do EAD com uso da internet para educação contínua dos enfermeiros.

2.2. Local do estudo

O estudo foi realizado em uma Instituição hospitalar de grande porte, privada, localizada na região central da cidade de São Paulo. Fundada em 1906, é uma entidade filantrópica que opera também em outros Estados como: Rio de Janeiro, Espírito Santo e Mato Grosso. Seus grandes destaques são a alta qualidade de seus serviços e a tecnologia de ponta, cuidando de pacientes de risco e realizando cirurgias de alta complexidade. Com 302 leitos de internação, dentre eles 76 leitos de terapia intensiva adulto, pediátrico e neonatal, atende pacientes particulares e conveniados. A instituição completou em 2006, cem anos de

existência, sendo um marco histórico para a cidade de São Paulo.

A equipe de enfermagem, composta por enfermeiros, técnicos de enfermagem e auxiliares de enfermagem soma 742 pessoas, distribuídas conforme segue:

Diretoria Assistencial (1)

|

Enfermeiro Coordenador (6)

|

Enfermeiro Supervisor (6)

|

Enfermeiro Assistencial (140)

|

Técnicos de enfermagem/ auxiliares de enfermagem (589)

Ao todo, 153 enfermeiros estão distribuídos nos períodos manhã, tarde e noite, com carga horária de trabalho de 36 horas semanais para enfermeiros assistenciais e supervisores e 44 horas semanais para enfermeiros coordenadores.

O estudo foi constituído por nove enfermeiros que atenderam os seguintes critérios de inclusão:

- ser coordenador ou supervisor de unidade, em qualquer especialidade e turno de trabalho;
- estar vinculado à instituição há pelo menos dois anos como enfermeiro;
- aceitar participar da pesquisa através da assinatura do Termo de Consentimento Livre Esclarecido (TCLE) - (Anexo I).

O período de coleta ocorreu no mês de outubro de 2006.

As entrevistas foram previamente agendadas com os sujeitos da pesquisa, de acordo com a disponibilidade dos mesmos e foi realizada nas dependências da instituição, local do estudo.

Para apreender o objeto do estudo, foi construído e testado um instrumento de coleta de dados (Anexo II), conforme descrito a seguir:

1ª parte: Caracterização do sujeito do estudo. Formulário com perguntas abertas e fechadas sobre as suas características sócio-demográficas;

2ª parte: questões norteadoras, focalizando o objetivo do estudo:

1. No seu conhecimento, quais estratégias de ensino são utilizadas na educação continuada do enfermeiro? Das que relacionar, quais julga serem mais importantes?
2. Como você se coloca frente ao uso da internet como estratégia de ensino utilizada na educação continuada de enfermeiros?

Com isso, permitiu-se abordar de forma mais abrangente possível as questões feitas pelo pesquisador a partir de seus pressupostos, advindos do objeto de investigação⁴¹.

Foram realizados pré-testes do instrumento de coleta com dois enfermeiros que preenchiam o critério de elegibilidade para o estudo, a fim de verificar a adequação do mesmo ao objetivo proposto. Posteriormente foram feitas algumas alterações que permitiram chegar ao instrumento de coleta final. Cabe ressaltar, que os pré-testes realizados não fizeram parte deste estudo.

2.3. Entrevista

Optou-se por realizar a entrevista semi-estruturada por ser uma técnica que busca informações ao nível mais profundo da realidade, conforme aponta Trivinos⁴²:

"Podemos entender por entrevista semi-estruturada, em geral, aquela que parte de certos questionamentos básicos, apoiados em teorias e hipóteses, que interessam à pesquisa, e que, em seguida,

*oferecem amplo campo de interrogativas, fruto de novas hipóteses que vão surgindo à medida que se recebem as respostas do informante. Desta maneira, o informante, seguindo espontaneamente a linha de seu pensamento e de suas experiências dentro do foco principal colocado pelo investigador, começa a participar da elaboração do conteúdo da pesquisa*⁴².

As afirmações de natureza subjetiva estão imersas em reações que devem ser levadas em conta: o estado emocional do informante, suas opiniões e suas atitudes⁴³.

Assim, para iniciar uma entrevista é necessário que se tenha alguns cuidados. Estes cuidados são cruciais para que os sujeitos entrevistados saibam com clareza as intenções do pesquisador e se sintam respeitados, encontrem espaço para a verbalização dos seus pensamentos. Dentre os cuidados a observar, Leopardi⁴⁴, destaca como importante:

- realizar, anteriormente à implementação da entrevista, sua validação junto a profissionais com qualificação para tal ou realizar a testagem prévia do roteiro;
- explicar ao entrevistado os motivos da pesquisa em linguagem de senso comum, em respeito aos que não dominam os códigos das ciências, bem como esclarecer em que ela pode contribuir com as suas preocupações e com instituição a que está vinculado;
- informar ao entrevistado que não se preocupe em dar respostas que ele considere acertadas, pois o que se deseja captar é a sua maneira de pensar e perceber o tema abordado.
- dizer ao sujeito que procure ser sincero consigo mesmo, sem receio de desagradar o pesquisador com suas respostas;
- garantir o anonimato, o sigilo das respostas do entrevistado e evitar julgamentos;

- informar que o uso do gravador dá ao pesquisador a certeza de que terá a reprodução fiel e na íntegra da fala , evitando assim, riscos de interpretações equivocadas. Possibilita, também, que o pesquisador fique atento à fala do entrevistado, fazendo intervenções, quando necessário;
- informar ao entrevistado que não se preocupe com a linguagem, pois no caso de ser usada alguma parte da sua fala, esta será adequada à linguagem escrita, tendo-se o cuidado de não alterar seu conteúdo;
- comunicar que , em situações que se julgue necessário, a entrevista, depois de transcrita, será revisada pelo entrevistado, sendo corrigidas as falas que, por ventura, não forem entendidas pelo pesquisador. É importante esclarecer que após esta etapa, o entrevistado, por questões éticas, deve autorizar o uso da sua entrevista pelo pesquisador, (conforme citado anteriormente como critério de inclusão).

A coleta dos dados foi realizada seguindo as seguintes etapas:

1ª etapa: agendamento prévio com os enfermeiros coordenadores/supervisores, por intermédio da Enfermeira responsável pela Educação Continuada do local do estudo, para a realização da coleta dos dados.

2ª etapa: apresentação da pesquisadora e explicação ao sujeito sobre a pesquisa mediante a leitura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecimento (Anexo A) para assinatura, bem como a explicação sobre a utilização do instrumento de gravação da entrevista.

Os dados foram coletados, em dias úteis, perfazendo de uma a duas entrevistas por dia, realizadas pela própria autora. As entrevistas tinham duração média de 50 minutos e eram encerradas pelos enfermeiros, quando os mesmos esgotavam o que tinham a dizer.

Após o término das entrevistas, a pesquisadora agradecia-lhes a

contribuição e se colocava a disposição para quaisquer esclarecimentos sobre o estudo.

A rigor, não existe necessidade de definir uma amostra na pesquisa qualitativa, porque o que importa é o significado de uma informação para a situação avaliada e não a quantidade de informantes que repetem essa mesma informação ou o número de vezes em que ela aparece⁴⁵. Assim, a partir do momento em que as falas começaram a ficar coincidentes, mostrando sinais elucidativos para o estudo, foi encerrada esta etapa após a coleta da nona entrevista.

Seguindo os padrões éticos da pesquisa, para manter o anonimato dos sujeitos, foram utilizados pseudônimos de *pedras preciosas*, escolhidas pelos próprios entrevistados, para que pudessem ser publicadas suas falas.

Ao atribuir os codinomes aos sujeitos, a autora fez a seguinte analogia construída particularmente para este estudo:

“O enfermeiro quando inicia sua carreira profissional é como se ele fosse uma “Pedra Bruta”. Ao passar por várias experiências e aquisição de novos conhecimentos, vai sendo “lapidado”, tornando-se uma “Pedra Preciosa”. Cada uma tem a sua luminosidade, fazendo-a reluzir por onde passam”.

As questões éticas decorrentes da interação pesquisador/pesquisados fazem parte da preocupação no que se refere à manipulação dos dados dos sujeitos na pesquisa, visto que o mesmo está relacionado à garantia do anonimato, especialmente às informações coletadas, sem comprometer o sigilo proposto no termo de compromisso feito por ambas as partes.

Nesse sentido, procurou-se reter a complexidade das percepções que estão imersas num movimento dinâmico da relação entre o que os sujeitos pensam e o contexto da vida real que determina essas percepções⁴⁰.

Assim, foram entrevistados nove enfermeiros, dos quais foram obtidos os dados sem dificuldades, tendo a pesquisadora de intervir poucas vezes para que houvesse o entendimento à pergunta norteadora formulada.

À medida que as percepções *"se reproduzem e se modificam a partir das estruturas e das relações coletivas e dos grupos"*, apresentam *"elementos tanto da dominação como da resistência, tanto das contradições como do conformismo"* ⁴⁰.

Todos os enfermeiros entrevistados deram uma valiosa contribuição, foram extremamente receptivos, espontâneos e demonstraram seriedade e sinceridade no ato de responder.

2.4. Análise dos dados

As entrevistas gravadas, com prévia autorização dos entrevistados, foram transcritas literalmente pela própria autora, sem alteração dos conteúdos dos discursos. No processo de escutar e escrever, já foi possível identificar algumas idéias relevantes que surgiram a partir das falas dos sujeitos. Após leitura exaustiva, os dados foram analisados de forma a permitir o acesso à realidade de cada um, compreendendo as idéias, maneiras de pensar, valores, crenças, sentimentos, opiniões e até comportamentos. Para **organização** dos dados obtidos, utilizou-se o método de **"Análise de Conteúdo"**, que é *"um conjunto de técnicas de análise das comunicações, visando, por procedimentos sistemáticos e objetivos a descrição do conteúdo das mensagens, permitindo a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção das mensagens"* ⁴⁶. Minayo⁴¹, afirma que não é buscar saber apenas "o que se diz", mas "o que se quis dizer" com tal fala. Outro elemento que define a análise de conteúdo é que se trata de "um conjunto de técnicas" para captar a mensagem transmitida. Assim, a característica da análise qualitativa é a inferência ser fundada na presença de um tema, palavra, personagem, etc. e, a partir disso, descobrir nos conjuntos de registros individuais (falas dos sujeitos) os núcleos de sentido que compõem a comunicação.

A análise de conteúdo visa tornar evidentes e significativamente plausíveis à corroboração lógica os elementos ocultos da linguagem humana, além de organizar e descobrir o significado original de seus elementos manifestos. A análise de conteúdo, também é vista como todo esforço teórico para desenvolvimento de técnicas, que visa a ultrapassar o nível do senso comum e do subjetivismo na interpretação e alcançar uma vigilância crítica frente à comunicação de documentos, textos literários, biografias, entrevistas ou observação⁴¹.

Do ponto de vista operacional, a análise de conteúdo visa atingir um nível mais aprofundado dos significados dos enunciados.

As técnicas utilizadas na análise de conteúdo⁴¹ são:

- 1) análise de expressão: conjunto de técnicas que trabalham indicadores para atingir a inferência formal e conhecer traços pessoais de quem fala. É usada na investigação da autenticidade de documentos;
- 2) análise das relações: se preocupa com as relações que os vários elementos de um texto matem entre si. É usada para descobrir elementos ocultos e latentes de um texto;
- 3) análise de avaliação ou representacional: mede as atitudes (núcleo que produz e traduz com conjunto de juízos de valor) do locutor quanto aos objetos de que fala. É usada para avaliar as unidades de significado em termos de direção e intensidade;
- 4) análise da enunciação: considera que a palavra é elaborada ao mesmo tempo em que o sentido, operando transformações. Visa conseguir através do confronto entre a análise lógica, a análise seqüencial, a análise de estilo e dos elementos atípicos de um texto, a compreensão do significado;
- 5) análise temática: visa descobrir os núcleos de sentidos (temas) que compõem uma comunicação, definindo o significado dos discursos.

As etapas da análise de conteúdo são: **a pré-análise** (organização do

material); **a descrição analítica** (codificação, classificação e categorização); e a **interpretação referencial** (aprofundar a análise para desvendar os conteúdos latentes)⁴².

Na pré-análise algumas regras importantes permeiam a *escolha dos documentos* a serem submetidos à análise⁴², tais como:

- regra da exaustividade: que contemple todos os aspectos relacionados ao objetivo, sendo o texto esgotado em sua totalidade;
- regra da representatividade: relacionando-se ao tamanho e abrangência da amostra ou do próprio universo;
- regra da homogeneidade: refere-se ao fato de que os documentos retidos devem ser homogêneos, obedecendo a critérios de escolha e não fugindo aos mesmos (deve-se seguir a mesma técnica nas entrevistas).
- Regra da pertinência: os documentos a serem trabalhados devem ser adequados, conforme seja o objetivo da análise.

Nestas etapas de análise, estabelece-se um processo de ir e vir constante que se consolida apenas na última etapa.

Depois de feita a conclusão da preparação do material na pré-análise, segue-se a etapa de descrição analítica, na qual é realizada a leitura do conteúdo das entrevistas voltadas à codificação do material a ser analisado, em função das regras previamente estabelecidas. As leituras são cuidadosamente realizadas sendo sublinhados os aspectos relativos ao objeto de estudo. Os trechos sublinhados são reescritos, de forma a possibilitar a separação dos mesmos, possibilitando identificar as categorias.

2.4.1. Interpretação dos dados

A análise dos dados se apoiou nos pressupostos metodológicos para análise temática indicada por Minayo⁴¹, que levou a um processo de elaboração de organização do material, codificação, classificação e categorização. Assim, depois de repetidas leituras do conteúdo das entrevistas, foram sendo destacados os temas que se sobressaíam nas falas, sendo aprofundada a análise para desvendar conteúdos latentes dos dados, buscando apreender as estruturas de relevância e as idéias centrais que os sujeitos do estudo referiram.

Os registros individuais deram a indicação da possibilidade desse material ser trabalhado como um todo; esses passaram por uma análise transversal. Trabalhados conjuntamente, esses registros foram agrupados em núcleos de sentido que compuseram os temas, tendo como critério o grau de relevância que demonstravam ter em razão dos objetivos do estudo.

No primeiro momento da análise, relacionado à primeira questão norteadora, surgiram dois conjuntos de registros, cujo conteúdo estabeleceu os núcleos de sentido: enfermeiros que prontamente mencionaram a internet como uma forma de ensino e os que não mencionaram esse recurso, isto, baseando-se no conhecimento que o enfermeiro líder tem em relação às estratégias de ensino de forma geral.

No segundo momento da análise, foi possível, a partir os núcleos de sentido, estabelecer a categorização temática, advinda da verificação do conteúdo obtido a partir da segunda questão norteadora, que especificamente, abordou a utilização da internet como recurso na estratégia de EAD para enfermeiros.

Durante a análise dos dados, foi percebido que os sujeitos do estudo expressaram os significados e as explicações, gerando as categorias temáticas.

2.4.2. Categorias Temáticas

As categorias que emergiram: **aceitação, resistência, conflito e conformismo**, foram estabelecidas a partir da análise e interpretação das percepções expressas pelos enfermeiros líderes em relação ao uso da Internet como um recurso na estratégia de EAD. Assim, as categorias que surgiram das falas foram descritas⁴⁷, de forma a elucidar o objeto de estudo, como:

- **ACEITAÇÃO** – concordância, aprovação e admissão; disposição em aceitar o uso da internet como estratégia de ensino;
- **RESISTÊNCIA** – recusar, defender-se, relutar e suportar, são termos compreendidos nesta categoria pela atitude de evitar ou resistir à introdução da internet como estratégia de ensino para enfermeiros;
- **CONFLITO** – oposição, atitudes negativas em relação ao uso da internet como estratégia de ensino, manifestada pela postura conflitante na fala do sujeito;
- **CONFORMISMO** – ajustamento, acomodação e submissão; aceitação passiva ao advento da estratégia, perante a manifestação neutra e harmonizadora da fala do sujeito.

3. APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO

3.1. Caracterização dos enfermeiros entrevistados

Conforme os critérios de inclusão determinados no estudo, foram entrevistados nove enfermeiros líderes, que ocupavam cargos de coordenação ou supervisão de unidades, pertencentes à mesma instituição localizada na região central da cidade de São Paulo.

A síntese descritiva do que foi referido pelos enfermeiros entrevistados, corresponde à primeira parte da coleta de dados, preenchida pelos próprios enfermeiros. Esta primeira parte tem a finalidade de permitir visualizar um panorama geral das características dos enfermeiros participantes.

Quanto à faixa etária, quatro enfermeiros possuíam entre 41 a 50 anos. Seguidos por três que estão com idade entre 21 e 30 anos; um entre 31 e 40 anos e outro com mais de 50 anos.

Na questão sobre estado civil e número de filhos, quatro enfermeiros eram casados, dentre os quais dois enfermeiros entrevistados têm um filho; um enfermeiro tem três filhos e um enfermeiro não tem filhos. Os três enfermeiros que disseram serem solteiros, não têm filhos. O enfermeiro que passou por uma separação tem um filho e o enfermeiro na condição de união estável, não tem filho.

Quanto ao tempo de formado, constatou-se que cinco enfermeiros têm mais de vinte anos de formado, variando entre vinte, vinte e dois, vinte e três e vinte e sete anos. Quatro enfermeiros entrevistados concluíram a graduação no mesmo ano, em 2000, ou seja, possuem seis anos de formados.

Evidenciou-se, também, que não há relação do tempo de formado versus cargo na empresa, visto que o perfil gerado no item: “tempo em que está na instituição”, variou muito, havendo aquele com dois anos na instituição e os com mais de 19 anos.

Foram entrevistados cinco supervisores e quatro coordenadores, totalizando 75% da população total de líderes de enfermagem da instituição. É importante ressaltar, que o período no cargo de supervisor de enfermagem foi: dois com três meses; um com quatro meses; um com nove meses e outro com três anos. Como coordenador de enfermagem: um com quatro meses; outros com seis, sete e oito anos respectivamente. Este perfil tem relação com o tempo em que está na instituição e o tempo no cargo, sendo que o mais antigo na casa está há mais tempo no cargo e os mais novos há menos tempo. Destes, apenas dois enfermeiros chamaram a atenção, um deles com dezenove anos de casa, encontra-se há quatro meses como coordenador e o outro há doze anos na casa, encontra-se há nove meses na supervisão.

Quando questionados se tinha especialização ou pós-graduação, as respostas positivas foram unânimes. As áreas relacionadas à especialização (*latu sensu*) foram diversas, sendo elas: Cardiologia, UTI, Neonatologia, APH, MBA em saúde, Auditoria, Saúde Pública, Oncologia, Adm. Hospitalar Infectologia, tendo um enfermeiro concluído o *strictu sensu*, nível de Mestrado.

Quanto a desenvolverem outras atividades profissionais, apenas um enfermeiro entrevistado disse exercer atividade fora da enfermagem; os demais não relataram outra função.

Diante desse perfil dos sujeitos, foi possível verificar a diversidade das informações coletadas.

3.2. Análise e Discussão

Na segunda parte do estudo, mediante a primeira questão norteadora em relação ao conhecimento dos enfermeiros sobre as estratégias de ensino utilizadas na educação continuada de enfermeiros, foram estabelecidos dois conjuntos de registros em relação às falas: **os que mencionaram** e **os que não mencionaram** a internet como uma estratégia de ensino. Contudo, destacaram-se, também, as falas que referiram diferentes estratégias, bem como, a referência de uso de outros recursos didáticos, mesmo o enfermeiro não deixando claro essa distinção entre estratégia e recurso, como segue:

Rubi – *“Eu conheço a aula prática, a aula expositiva e.... pode ser cartazes, pode ser áudio visual, gravação também, CDs, folhetos, apostilas....dinâmicas de grupo, atividades no setor mesmo, né? ... através mesmo de uma palestra... de utilizar um boneco, livros, **internet**, né?”*

Atribuiu maior importância ao: *“... teórico associado à prática”*.

Cristal *“... a gente tem o teórico-prático... hoje também a gente tem **uma forma mais interativa que é pela internet**, né?...eu acho que você tem que sempre ta utilizando como multiplicadores os enfermeiros assistenciais e as pessoas que são líderes da equipe”*

Ao que atribuiu maior importância, citou: *“Eu acho que tem que ser teórico e prático, mas o prático é o mais importante”*. *“... o teórico é extremamente importante pra dar a base de tudo né? E até o entendimento porque você ta fazendo x, y ou z situações, aí o prático é o*

mais importante.”

Agata Roxo *“Estratégia, eu acho assim... teórico- prático, áudio visual, **tecnologia da informação... teleconferência.**”*

Ao atribuir maior importância, citou: *“Eu acho que a troca... a discussão entre enfermeiros e entre setores”*.

Em relação ao conjunto no qual o grupo *mencionou* a internet como estratégia de ensino, predominou o estabelecimento da relação com a categoria *aceitação*, entendida neste estudo, como aprovação, disposição para aceitar a estratégia.

Entre aqueles *que não mencionaram* a internet como estratégia de ensino, evidenciou-se a importância dada à utilização da estratégia de ensino *teórico-prático*, em sala de aula, surgindo também, entre outras, reuniões, dramatização e o lúdico, que se encontram explicitadas abaixo:

Quartzo Rosa *“... a estratégia de ensino para enfermeiros que eu acabo utilizando é a teórica abordada, teórico-prático, através de dinâmica, com discussão... Há uma reunião que eu faço quinzenalmente... acho que essa parte lúdica também eu valorizo, cabo tentando fazer coisas que talvez atraiam mais a atenção, como alguns filmes, teatro, encenações, eu acho que tudo isso vale a pena!”*

Ao que atribuiu maior importância, citou: *“... eu acho que essa parte lúdica... eu valorizo muito.. “ “... sistema interativo, interação com a platéia.. eu gosto bastante desse tipo de abordagem...”*

Ametista *”Reuniões periódicas que a gente faz...”*

participação em cursos, simpósios... prática também... “ “ no meu ponto de vista, você capta melhor quando você vê aliado à teoria...”

Ao que atribuiu maior importância, citou: *“acho que a reunião é o mais importante, porque quando você tem todos juntos... eu acho que é bem válido, é bem enriquecedor”*.

Ágata Lilás *“acho que a gente precisa sempre estimular a enfermeira a fazer pesquisa...” “... aulinha agendada no próprio setor, na sala de aula...”*

Ao que atribuiu maior importância, citou: *“... o que eu acho mais importante mesmo é a atividade, se ela não tiver a prática, não conhece, então ela não tem realmente condições de orientar...”*

Rutilo *“... é o aprimoramento, ligado à Educação Continuada (setor) ou aprimoramento setorial...” “... conheço a aula teórica, aula prática, simulações, treinamentos diários, né?... cursos...”*

Ao que atribuiu maior importância, citou: *“tanto prático quanto teórico. É o que eu falei, na parte teórica eu acho que tem muito a acrescentar, mas o que você vê resultado mediato é na parte prática...”*

Esmeralda *“Eu não conheço estratégias de ensino!...” “O que vejo é treinamento de técnicas que entram os auxiliares e enfermeiros... neste contexto, eu acho que é em cima de indicadores... apresentamos através de PowerPoint, aula expositiva e também... como chama? Dramatização”.* “Eu não conheço outros...”.

Ao que atribuiu maior importância, citou: *“eu dei mais valor para a aula expositiva junto com a dramatização...” “... a segunda acho que em*

ordem , é a técnica, de fazer, de participar...”

Safira Azul *“na verdade estratégia acho que ainda é um pouco pobre, né?... a gente tem muito à desenvolver... há estratégia, mas não está colocada em prática...” “o que a gente conhece são as formas práticas, nessas aulas programadas que a gente coloca o colaborador e até mesmo a gente tem que participar para demonstrar que isso é importante...” “... as questões teóricas poderiam ser mais desenvolvidas...”*

Ao que atribuiu maior importância, citou: *“Eu acho que a questão prática ta sendo bem desenvolvida, aula prática ta sendo bem desenvolvida...”*.

O conjunto de sujeitos que *não mencionaram* a internet, não estabeleceu relação com as categorias eleitas para análise deste estudo.

Cabe aqui destacar, a fala de um dos sujeitos *que mencionou* a Internet como estratégia de ensino, sobre a parceria com o Serviço de Educação Continuada, como sendo uma troca de experiências, visando o planejamento das atividades de educação em conjunto com a equipe, como segue:

Ágata Roxo *“... a Educação Continuada vai te dar instrumentos para você realizar alguma coisa... ela não pode ser aquela que ensina tudo... as pessoas que querem aprender, elas têm que procurar, porque já são enfermeiros!... então se eu quero saber alguma coisa eu não posso ir lá na Educação Continuada falar: eu quero saber isso!... eu tenho que trocar isso com a Educação continuada, na verdade ela será o gerenciador de atitudes.”*

Na segunda parte do estudo quanto à segunda questão norteadora sobre a percepção dos enfermeiros em relação ao uso da internet na estratégia de EAD em educação continuada de enfermeiros, das falas emergiram as seguintes categorias: **aceitação, resistência, conflito e conformismo**.

As categorias estão colocadas à seguir de acordo com o processo de análise descrito:

Categoria 1 – Aceitação

Alguns enfermeiros líderes referiram em suas falas, que a internet **é bárbara, importante, é válido, interessante, um bom método**, demonstrando disposição para *aceitar* a estratégia. Essa aprovação faz com que a internet seja uma estratégia admissível para a educação de enfermeiros, podendo este líder, ser considerado um facilitador para sua implantação na instituição, conforme expressam à seguir:

Ametista “... eu acho que é um bom método, particularmente eu gosto, eu uso muito na minha casa...”

Cristal “... eu pessoalmente gosto muito dessa linguagem da internet, eu gosto dessa coisa de interação... acho extremamente importante, faço bastante pesquisa na internet e acho interessante esse material estando disponível a gente poder disponibilizar pra todo mundo...”

Safira Azul “... eu acho a internet bárbara! Sou suspeita em falar da internet... acho que vale a pena insistir... vai agregar valores, porém além de agregar, você tem que

colocar em prática”.

Ágata Lilás “... estamos bastante avançados... eu acho ótimo!... a gente tinha pouco acesso, hoje em dia a gente ta fazendo um uso bem maior... a gente tem condições de usar a internet atualmente...”.

Rutilo “... eu acho que é benéfico no caso da enfermagem, eu acho que vai ser muito bom!...”.

Rubi “... às vezes, muita coisa que eu não conheço eu procuro na internet... e procuro trazer pra equipe...”.

As falas desses sujeitos pactuam com a de Bredarioli⁴⁸, em seu artigo sobre EAD: “a tecnologia pode ser um agente facilitador, não necessariamente um bicho-de-sete-cabeças a ser domado.”

No entanto, essa *aceitação* enunciada nos discursos dos sujeitos, faz-nos repensar na necessidade da *linguagem* transformar-se em *ação*, como uma perspectiva da criação de condições que favoreçam a produção colaborativa do conhecimento⁴².

É importante salientar, que em algumas falas, a questão da *aceitação* em relação à estratégia de ensino, via internet, foi externada como sendo uma forma acessível de educação para todos:

Ágata Roxo “... não existe hoje neste mundo global uma pessoa, um enfermeiro que não sente na frente do computador... o que ela ta fazendo ali... ta crescendo”.

Cristal *“... não existe limite, todo mundo pode tudo neste momento... sente-se livres com essa forma de comunicação...”*

A disponibilidade de tempo esteve presente nas falas reforçando o seu aspecto positivo. Estas foram relacionadas à categoria *aceitação*, devido à condição benéfica trazida pela estratégia de ensino via internet quanto ao tempo dispensado para sua utilização.

Esse aspecto relacionado ao tempo, manifestado nas falas citadas, refere que a prática comum de educação continuada (geralmente em sala de aula), atrapalha o andamento do serviço. Neste sentido, estas colocações vieram corroborar com Matos³⁷, justificando que o aumento da demanda no trabalho e das responsabilidades do enfermeiro diminui ou impossibilita a sua participação regular nos cursos, em horário de expediente, havendo dificuldade de permanência do mesmo fora do seu horário de trabalho. Assim, o uso da internet em hora e local designado pelo próprio usuário, faz com que ocorra a aceitação da estratégia, como segue:

Esmeralda *“... você pode fazer sem precisar se deslocar, né?... o tempo que você perde no trânsito, você pode ta fazendo um curso...”*

Cristal *“... o tempo que a gente tem que disponibilizar o funcionário para a aula é muito pequeno, né? Você acaba atrapalhando muito o ritmo da tua unidade quando você tira um funcionário... ele sai por 2, 3, 4 horas, num período de 6 horas, é muito tempo!... por isso a parte teórico poderia ser fornecida dessa forma (via internet)... ”*

É interessante observar que apesar das questões relacionadas à disponibilidade de tempo dos enfermeiros, os sujeitos manifestaram a *aceitação* da estratégia, por ser uma forma de corrigir ou contornar as dificuldades apresentadas atualmente.

Categoria 2 – Resistência

Em determinadas falas, os enfermeiros demonstraram *resistência* quanto à utilização da educação a distância via internet. As falas a seguir comprovam uma atitude de se evitar, recusar ou resistir à introdução desta estratégia.

Ágata Lilás “... *Eu não sei, como sou daquela época de 20 anos atrás, né? Que a gente não tinha essa informação, estudava com livros, com outros colegas mais experientes. Tanto é que os que se formaram agora, é mais fácil... Tanto é que muita gente dessa época deve ter muita dificuldade...*”

“*O que eu vejo, é que está um pouco distante da nossa realidade...*”

Rutilo “... *uma estrutura nova, eu acho que seria bem aceito. Acho que uma pessoa com mais de 30 anos de formado teria mais dificuldade do que o pessoal novo.*”

Rubi “... *acho que através da leitura fica muito limitado, né?... então vai depender da disponibilidade e disposição de cada um... eu tenho uma disposição, o outro pode ser que não tenha, entendeu?*”

“*..se for só descritivo, acho que vai acabar cansando..cansa a vista , né?*”

“... eu sou mais do método antigo, né? Eu gosto do professor na classe... ele ta ali, e vai tirar a dúvida na hora...”

“... você ficar no computador pode dispersar um pouco.. e o professor estando na sala de aula é uma coisa mais dinâmica.”

A figura do professor e o ensino tradicional em sala de aula, descrito anteriormente na fala de um dos sujeitos, vem ao encontro das referências do estudo de Alves⁴⁹, revelando que um dos grandes problemas relacionados à falta de interatividade do processo de aprendizagem por internet, está relacionado à dificuldade dos educandos trocarem experiências e diminuïrem suas dúvidas com professores e colegas, de forma presencial. Relaciona-se também, à dificuldade no manuseio do computador e da confiabilidade e interatividade do conteúdo nele exposto.

Esmeralda *“... acho que os colaboradores têm dificuldade em mexer com o computador... eu não sei qual é a habilidade real, porque quando você mexe muito é tranqüilo...”*

“... eu não sei, não confio muito, então teria de ser alguma coisa que eu tivesse certeza que aquilo seria válido”.

Rutilo *“... eu acho que em nosso meio é complicado... pela dificuldade com o computador e a falta de disponibilidade do profissional por computador. Acho que é a falta de estrutura do enfermeiro em utilizar o computador.. alguns enfermeiros tem maior dificuldade.. a falta de prática da pessoa com computação”*

“... eu acho que na nossa realidade vamos ter dificuldades...”

Cristal “... fariam desde que não estejam deixando nenhuma tarefa a cumprir...”.

“se a ferramenta for fácil, interativa, onde eu clique facilmente...eu faria tranquilamente...mas só se for fácil! Se não for fácil, realmente eu não vejo como...”

“... facilita se for interativa... que não seja massante, com textos longos...”.

Quartzo Rosa “... em relação ao material... a gente pode colocar tudo na internet, então tem informações de qualidade e sem qualidade. Isso é uma coisa importante à ser colocada!”

“... eu não descarto... mas tem que haver, também, a relação interpessoal...”.

Ametista “... o computador tem que estar de acordo, tem que ser compatível, entendeu?...”

“... há resistência sim... o enfermeiro tem uma certa dificuldade, resistência, não gostam, entendeu?”.

“... eu faria, lógico que com um respaldo...”.

Ágata Roxo “Quando vai pra outra instituição, tem outro emprego, tem outros afazeres... a mulher vai pra casa, tem filhos, quer dizer, é outro contexto, viu?”.

A falta de domínio no uso da informática ou dificuldades em acessar a internet, conforme explicitado nas falas, e que se somam às exigências mínimas para a sua realização, fazem face a atitudes de resistência do uso da estratégia de EAD via internet.

Categoria 3 – Conflito

Constatou-se nas falas de alguns enfermeiros, que a estratégia de ensino via internet *é difícil, não há reconhecimento, não é valorizada, não há absorção do material, é cansativo*, demonstrando atitudes negativas em relação ao uso da mesma, embora justificando até certo ponto, a sua postura conflitante, como despreparo, insegurança, reconhecimento e desvalorização quanto ao uso.

Nas entrevistas, alguns enfermeiros fazem esta referência negativa, expressas abaixo, como segue:

Rubi *“... acho um pouco difícil... eu não me dou muito bem com a informática... talvez, seja um pouco de despreparo, mas você vê, via internet chega uma hora que fica muito cansativo, né?”*

Ametista *“... adianta você fazer alguma coisa on-line... depois não ser reconhecido... então eu tomo cuidado pra de repente não desperdar meu valioso tempo com aquilo que no final não tem reconhecimento...”*

Quartzo Rosa *“... acho uma coisa válida, mas que não reflete a realidade...”*

“...vai depender mesmo do perfil do profissional... é difícil responder se a equipe está preparada!”

“.. é muito pouco valorizado.. o ensino hoje está muito sucateado...”

Safira Azul “... como a gente vai educar uma pessoa pra conseguir absorver o material? Como a gente chega nisso? Né?”

Ágata Lilás “... a gente acaba iniciando tantas atividades que a gente acaba não tendo o tempo que gostaria... então acho que assim, é difícil você começar várias atividades e não ver um horizonte pra chegar no final de um histórico. Eu acho que as coisas acabam se perdendo um pouco, né? E acho que é isso que todo mundo fica um pouco angustiado, de repente, inicia tantos projetos, tantas coisas que precisa fazer, mas de repente não consegue distribuir isso no seu tempo, nos seus horários no trabalho, isso angustia todo mundo. Você inicia um projeto e não conclui nada, pára no meio do caminho...”

Cristal “... eu tenho dificuldades com a ferramenta... não tenho intimidade com a informática, entende?”.

Rutilo “... pra usar a internet tem que ter computador tem que ter integração tem que ter um método eu já seja eficiente, que vá garantir que as pessoas vão acessar, eu acho meio complicado pra nossa realidade hoje”.

Ágata Roxo “... as pessoas não sabem usar, acham que é besteira... eu acho que as pessoas não têm vontade, não gostam, acham desnecessário.”

“... a gente é desfavorecido com este recurso...”

“... a instituição não valoriza o tanto que deveria valorizar.. com relação a falta de equipamento...”

“... a internet fez um crescimento extremamente importante pra área humana... é uma coisa que não se valoriza hoje, aliás, isso já devia ser valorizado há muitos anos!”

Esmeralda *“... eu acho muito cansativo você ficar em frente ao computador...”*

“... eu acho que na internet... o negativo é que nem tudo que ta escrito lá é bom... porque qualquer um pode escrever uma besteira lá...”

Os enfermeiros revelaram em suas colocações que, não dominar o uso da informática e a falta do computador, são fatores que dificultam sua acessibilidade, levando em conta a disposição e o perfil de cada um na aceitação ou não desta estratégia.

Foram identificadas, também, outras falas relacionadas ao tempo, expressando o conflito, numa postura opositora, conforme segue:

Ágata Lilás *“... tem condições, mas falta tempo pra isso...”*

Rubi *“... acho que todo mundo tem interesse, mas não tem horas, não tem essa carga horária, né?”*

Rutilo *“... teria que ver quem teria disponibilidade para estar acessando...”*

Categoria 4 - Conformismo

Ao que afeta a escolha da ação ou comportamento no enfrentamento de um problema, bem como a aceitação passiva, sem reflexão crítica do advento de novas formas de educação, denomina-se *conformismo* neste estudo. Aceitar, de forma neutra a estratégia de ensino via internet, numa visão em que se percebe, talvez, por não haver mais retorno ante ao advento dessa tecnologia para a educação em serviço, mesmo que as falas retratem contradição ao pensamento, são retratadas a seguir:

Rubi *“... eu acho que eu faria, mais para conhecimento... pra saber como funciona, se é interessante, se é válido pra mim, porque eu não tenho essa experiência”.*... *tentaria transmitir pro pessoal que é bom, fácil e procuraria incentivar, né?”*

Chamou a atenção na fala desse sujeito, a contradição em relação ao que acha da estratégia. Como sua posição frente à equipe é positiva, conforma-se com esta estratégia de ensino para si próprio.

Mesmo assim, pôde-se perceber nas falas abaixo, uma forma de conformismo ou neutralidade, que de certa forma, mostra-se positiva à utilização da internet como estratégia de ensino para enfermeiros, mesmo que para isso precise de um empenho pessoal para que ocorra:

Esmeralda *“... eu acho que me viro... se não souber aprendo rápido... se explicar como faz eu aprendo...”.*

Rutilo *“... nunca foi uma praticidade, mas é uma coisa nova e acho que a gente pode ta tentando fazer...”.*

“seria alguma coisa para somar... não vai suprir toda sua necessidade, mas acho que vai minimizar muitas dificuldades que a gente tem de tempo...”

Cristal *“... eu sou adepta... gosto do novo... mas não conheço muito...”*

“... é muito mais fácil pra meu filho interagir com essa máquina, do que a minha geração que era TV à válvula!, se entendeu? ... eu não fujo da modernidade...”

Ágata Lilás *“... eu acho que esse é o destino..é uma situação que você consegue ir além do que você previu até alguns anos atrás ou até agora, né?”*

“... na minha época, não era assim... hoje em dia , o pessoal tem acesso muito fácil às informações...então o pessoal jovem ta fazendo uso.”

Safira Azul *“... vale a pena insistir... mas tem que ter maturidade...”*

Concluindo, considero que em relação à percepção dos enfermeiros líderes, na categoria aceitação, pode-se entender como a disposição em aceitar o uso da internet como estratégia de ensino, sendo que as demais categorias: resistência, conflito e conformismo revelaram as dificuldades do enfermeiro no acompanhamento das transformações tecnológicas e a sua negação na inserção de projetos inovadores com uso da internet na estratégia de ensino à distância.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo, o qual teve como objetivo verificar o conhecimento dos enfermeiros sobre estratégias de ensino utilizadas na educação em serviço e analisar a percepção dos enfermeiros sobre o uso da internet na estratégia de ensino a distância em educação continuada, conduziu a um instigante repensar sobre o papel do enfermeiro enquanto educador.

Esta experiência possibilitou-nos identificar alguns indícios que nos levariam a responder os questionamentos apontados quando da proposta deste estudo, sem, contudo, apresentar uma posição definitiva e acabada sobre o mesmo, entendendo-a provisória.

Ficou evidente a falta de conhecimento dos enfermeiros líderes da equipe de enfermeiros sobre as estratégias de ensino, em particular, via internet. Sabe-se que muito do fracasso do processo ensino-aprendizagem é devido à falta de conhecimento de estratégias de ensino e à inadequação do planejamento das ações educativas⁵.

São inúmeras e evidentes as possibilidades da utilização da internet no ensino de enfermagem. Educadores e educandos desta área necessitam estar familiarizados com computadores para poder obter deste recurso tecnológico máximas vantagens³⁴.

Revelaram-se, assim, em relação às falas dos sujeitos, quatro categorias temáticas.

Na primeira categoria – **aceitação** – os enfermeiros explicitaram a influência da internet para a educação da equipe, em relação ao tempo disponível para esse processo. Referiram a internet como uma estratégia que visa favorecer a disponibilidade de tempo ao enfermeiro no desenvolvimento do processo de aprendizagem. Esta atitude de aceitação, mediante algo inovador no que se refere a uma estratégia de EAD, foi compartilhada por esses enfermeiros.

A utilização da internet é apontada como uma solução viável para a educação continuada dos enfermeiros, pois um dos principais fatores, relevantes e argumentados pelos sujeitos, é a indisponibilidade de tempo frente ao ensino presencial.

A segunda categoria – **resistência** – apontou para uma questão de confronto da tecnologia frente às gerações. Os mais jovens, no geral, demonstram mais habilidade que os mais velhos para lidar com a internet. Ficou evidente também, a referência dos enfermeiros à estratégia de ensino expositiva, onde o significado da aula e a figura do professor são acentuados no contexto ensino-aprendizagem. Fazem-se necessárias algumas considerações frente a estas atitudes de resistência, dando, por sua vez, significado às falas destes sujeitos. A busca do saber evoluiu, num espaço teórico e prático, explorado por diferentes ideologias, tais como: religiosas, filosóficas, morais e científicas. No entanto, a rápida evolução tecnológica tem exigido um esforço muito grande daqueles que pretendem acompanhar e compreender essas transformações⁵. Assim, se tem o entendimento da resistência, frente a esta estratégia, devido à rapidez em que ocorrem e a falta de maior envolvimento dos enfermeiros às diferentes tecnologias.

Mediante a terceira categoria – **conflito** – surgiram algumas considerações, principalmente relacionadas à atitude de negação do uso da estratégia, referido como algo difícil em que há falta de estrutura e de recursos à sua implementação, bem como a sua desvalorização pela instituição. A idéia de educação a distância ainda é um obstáculo a ser superado⁴⁹, não só pelos coordenadores e supervisores, mas ao que vemos, aos dirigentes das instituições de saúde no sentido de prover projetos inovadores de desenvolvimento dos profissionais.

A quarta categoria – **conformismo** - retratou a aceitação dos enfermeiros quanto à estratégia, no entanto, com certa restrição, numa visão em que manifesta não haver mais retorno, como processo evolutivo, quanto à exigência tecnológica para a educação. Parece que o fato da modernidade estar presente no processo educativo transformador faz com que as pessoas tenham a tendência ao conformismo. Mesmo não sendo a realidade de seu dia a dia, elas aceitam e julgam-se obrigadas a se adaptarem neste contexto.

É incontestável que o grande desafio em escolher uma estratégia de

ensino via internet, na educação continuada de enfermeiros, passa pela necessidade de se ter um conhecimento prévio sobre a mesma. Os enfermeiros líderes devem estar preparados para sugerir, recomendar e otimizar a sua utilização. Além disso, faz-se necessário que haja o comprometimento dos responsáveis dirigentes das instituições de saúde, palco destas transformações, no planejamento e implementação dessa modalidade de ensino, preparando os seus profissionais para as exigências dessa nova realidade.

Explicitaram a sua percepção voltada às necessidades dos seus liderados e não de si próprios, revelando uma preocupação com os enfermeiros liderados em suas necessidades de aquisição de novos conhecimentos.

O enfermeiro líder, como educador, assume o papel de facilitador, organizador, coordenador e parceiro, atendendo às necessidades individuais dos membros da equipe, bem como os interesses institucionais. O ponto crucial para o sucesso de um projeto educacional inovador advém da competência do educador, em conhecer recursos didáticos, teorias da aprendizagem, tecnologia computacional e outros, bem como a própria reflexão crítica sobre a estratégia de educação mais adequada em cada contexto⁵⁰.

Há que se refletir sobre as próprias necessidades de aprimoramento, a responsabilidade de estar preparado para ser um enfermeiro líder e educador potencialmente ativo e que influencia seu meio através do conhecimento compartilhado, utilizando recursos diversos para se atingir os objetivos educacionais.

REFERÊNCIAS

REFERÊNCIAS *

1. Freire P. Educação e Mudança. 29ª ed. Editora Paz e Terra, São Paulo, 2006.
2. Freire P. Pedagogia da Autonomia. 15ª ed. Editora Paz e Terra, São Paulo, 2000.
3. Ricardo Eleonora J. - Educação Corporativa – Fundamentos e Práticas, Qualitymark – Rio de Janeiro –2005.
4. Delors J. Educação: um tesouro à descobrir. Editora Cortez, São Paulo, 1998.
5. Dilly C M. L., Jesus M. C. P. Processo Educativo em Enfermagem: das concepções pedagógicas à prática profissional. Robe Editora, São Paulo, 1995.
6. Nuñez R S, Luckesi M.A V. Educação em serviço - fator de desenvolvimento de recursos humanos. Re. Brás. Enf. v.33, São Paulo, 1995.
7. Martins RB. Desenvolvendo Competências. Centro de Referência Educacional. Rio Grande do Sul, atualizado junho/2006. Artigo disponível em <http://www.centrorefeducacional.pro.br/desencomp.htm>.
8. Marx L C, Morita X L . Manual de Gerenciamento de Enfermagem. Rufo Ed. e Associados, São Paulo, 1998.
9. Milioni B. Dicionário de termos de RH. Central de Negócios, São Paulo, 2003.

*Baseada no modelo Vancouver. Abreviatura dos periódicos em conformidade com o Medline.

10. Bezerra A L Q. O Contexto da Educação Continuada em Enfermagem. Ed. Lemar e Martinari , São Paulo, 2003.
11. Ricardo E J. Educação Corporativa e Educação a Distância. Qualitymark, Rio de Janeiro, 2005.
12. Moran, J M. Educação inovadora na Sociedade da Informação. Centro de Referência Educacional. Atualizado junho/2006. Artigo disponível em http://www.centrorefeducacional.pro.br/art_educacao_inovadora.asp.
13. Zanotto M L B. Elementos para uma proposta de Formação de Professores a partir da Análise Comportamental de B.F.Skinner. apud Luna SV. O analista do comportamento como profissional da educação; *in*: Anais do V Encontro de Psicoterapia e Medicina Comportamental, Águas de Lindóia - SP, 1996.
14. Bordenave J D, Pereira A M. Estratégias do ensino-aprendizagem. Editora Vozes, Petrópolis - RJ, 1986.
15. Bassedas E. Intervenção educativa e diagnóstica psicopedagógica. 3ª ed. Artes Médicas, Porto Alegre -RS,1996.
16. Weffort M I. Observação, registro, reflexão. Ed. Espaço Pedagógico, São Paulo, 1996.
17. Lopes M V O, Araújo T L. Avaliação de alunos e professores acerca do software “sinais vitais”. Revista da Escola de Enfermagem da USP, 2004. Disponível em <http://www.ee.usp.br/reeusp/upload/pdf/187.pdf>
18. Davim R M B, Torres G V, Santos S R. Educação continuada em enfermagem: conhecimentos, atividades e barreiras encontradas em uma maternidade escola, Rev. Latino-Am. Enfermagem vol.7 no.5 Ribeirão Preto,

SP, 1999.

19. Ribeiro, M A S, Lopes, M H B M. Mensuração de atitudes de enfermeiros e médicos sobre o uso de computadores na era da Internet. Rev. Latino-Am. Enfermagem vol.12 no.2 Ribeirão Preto, 2004.
20. Setor de Educação Continuada. Levantamento sobre acesso a internet pelos enfermeiros. Gerência de Desenvolvimento Humano. Hospital Santa Catarina, São Paulo, 2005.
21. Milioni, B. Gestão de Treinamento por Resultados. Associação Brasileira de Treinamento e Desenvolvimento, São Paulo, 2004.
22. Saviani, D. Educação: do senso comum a consciência filosófica. 13. Ed. Campinas, São Paulo, autores associados, 2001.
23. Cecagno, D, Siqueira, H C H. Educação Continuada: um novo modelo de ensino na enfermagem – Incubadora de Aprendizagem. Editora Universitária – PREC/UFPEL, Pelotas, 2006.
24. Kurcgant, P. Gerenciamento de Enfermagem. Guanabara Koogan, Rio de Janeiro, 2005.
25. Costa, M. Governo aposta na Graduação pelo EAD. Revista Ensino Superior, n° 60, pag.12 – Ed. Segmento, 2003.
26. Neto, P.L.O.C. Ensino a Distância, Revista Banas de Qualidade, São Paulo, 2003.
27. Litwin, E. Educação a distância – temas para o debate de uma nova agenda. Artmed, Porto Alegre, RS, 2001.
28. Peters, O. Didática do Ensino a Distância. Experiências e estágio da discussão numa visão internacional. Editora Unisinos, S. Leopoldo, RS,

2001.

29. Lobo, N., Francisco J. S. . Educação a Distância – Regulamentação, Brasília: Plano, 2000.
30. Júnior, W A. O ciberespaço e cibereducação. Atualizado junho/2006. Artigo disponível em http://www.centrorefeducacional.pro.br/art_educacao_inovadora.asp.
31. Valente, J A. Porque o computador na educação? Atualizado em , disponível em <http://www.nied.unicamp.br/publicacoes/separatas/Sep2.pdf>.
32. Monteiro, P. Expansão do EAD segue tendência mundial, pag.08 Guia de Educação a Distância, Editora Segmento, 2005.
33. Waldow, V R; Meyer, D E; Lopes, M J. Marcas da diversidade, saberes e fazeres da enfermagem contemporânea. Porto Alegre, Artes Médicas, 1998.
34. Santos, M S. Análise das atitudes de enfermeiros e estudantes de enfermagem na Paraíba-BR quanto à utilização do computador. Rev Latino-am Enfermagem 2001; 9(6):56-61.
35. Zacharias, V L C F. Educação Geral. Atualizado em 2006, artigo disponível em <http://www.centrorefeducacional.pro.br/saconstr.html>.
36. Valente, J.A. Educação a distância via Internet. Avercamp, São Paulo, 2003.
37. Matos, F.G. , Empresa que pensa. São Paulo: Makron Books, 1996.
38. Freire, P. Pedagogia do Oprimido. Editora Paz e Terra, Rio de Janeiro, 1988.
39. Évora YM, Fávero N, Silva JA. Comparação da atitude dos enfermeiros e médicos frente ao uso do computador. Rev. Paul. Enf., São Paulo, 1995. 14(1):24-8.

40. Minayo, M C S. O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde. – 7ª ed. Ed. Abraso, São Paulo, 2000.
41. Minayo, M C S; Deslandes, S F; Neto, O C; Gomes, R. Pesquisa Social. Ed. Vozes, Petrópolis, 2002.
42. Triviños, A N S. Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987. p. 116 a 175.
43. Haguette, T M F. Metodologia Qualitativa na Sociologia. Ed. Vozes, Rio de Janeiro, 1992.
44. Leopardi, M T. Metodologia da Pesquisa na Saúde, Editora Pallotti, São Paulo, 2001.
45. Merighi, M A B; Praça, N S. Abordagem teórico metodológica qualitativa. Guanabara Koogan, Rio de Janeiro, 2003.
46. Bardin, L. Análise de Conteúdo, Lisboa, Edições 70, 1995.
47. Dicionário Priberam On line da Língua Portuguesa. Consultas Disponíveis em <http://www.priberam.pt/dlpo/dlpo.aspx>. Consulta realizada em 12/ 2006.
48. Bredarioli, C. Mais rápido, mais fácil, mais barato, artigo da Revista Guia da Educação a Distância, Nº3, pág 42 , São Paulo, 2006.
49. Alves, L; Nova, C. Educação à distância. Editora Futura, São Paulo, 2003.
50. Tajra, S.F. Informática na Educação, Ed. Erica, São Paulo, 2001.

ANEXO I

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE ESCLARECIDO

Concordo em participar da Pesquisa, cujo objetivo é analisar a percepção dos enfermeiros líderes em relação às estratégias de ensino na Educação Continuada de enfermeiros. Este estudo faz parte da Dissertação de Mestrado em Enfermagem da Universidade de Guarulhos – SP, da autora: Raquel Acciarito Motta.

Aceitando em participar da pesquisa, sei que:

- terei a liberdade de solicitar a qualquer momento esclarecimentos sobre o estudo;
- terei a garantida a retirada de seu consentimento a qualquer momento;
- será preservada minha identidade , permanecendo confidencial nos dados coletados pela autora;
- as informações obtidas serão analisadas em conjunto a dos demais sujeitos da pesquisa;
- tenho o direito de saber , a qualquer momento, sobre os resultados parciais da pesquisa;
- não existe despesas pessoais em qualquer fase do estudo, nem qualquer compensação material ou financeira relacionada à minha participação;
- os dados serão utilizados apenas para fins desta pesquisa e serão divulgados após seu término.

Estou ciente que ao fazer parte deste Projeto estarei respondendo a uma entrevista gravada, que será previamente agendada. Estou ciente que terei minha identidade preservada e que esta pesquisa poderá ser publicada de acordo com a conveniência do autor.

Nome: _____

RG.: _____

Cargo: _____

Contato: Raquel Acciarito Motta - (11) 9599-2155

ANEXO II**INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS**

1ª PARTE: Caracterização do sujeito da Pesquisa

1. Idade: 21 a 30 anos 31 a 40 anos 41 a 50 anos acima 50 anos

2. Estado Civil:

- Solteiro
- Casado
- Separado/divorciado
- Outros (união estável)

3. Nº de filhos: _____

4. Ano em que se formou: _____

5. Tempo em que está na Instituição: _____

6. Cargo atual:

- Enfermeiro coordenador
- Enfermeiro Supervisor Há quanto tempo? _____

7. Especialização/Pós Graduação:

- Sim
- Não
- Em curso

Especialidade(s):

8. Desenvolve outras atividades profissionais?

- Sim
- Não

Quais?

INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS

2ª PARTE - Questões norteadoras :

1. No seu conhecimento, quais estratégias de ensino são utilizadas na educação continuada do enfermeiro? Das que relacionar, quais julga serem mais importantes?
2. Como você se coloca frente ao uso da internet como estratégia de ensino utilizada na educação continuada de enfermeiros?